coleção
NOVELAS IMORTAIS

A FERA NA SELVA

HENRY JAMES

ORGANIZAÇÃO E APRESENTAÇÃO
Fernando Sabino

ROCCO

Coleção Novelas Imortais

A FERA NA SELVA

HENRY JAMES

TRADUÇÃO DE

Fernando Sabino

ROCCO

“Trabalhamos no escuro – fazemos o
que podemos – damos o que temos. Nossa dúvida
é nossa paixão e nossa paixão é nosso dever.
O resto é a loucura da arte.”

— HENRY JAMES

Sumário

Capa
Folha de rosto
Epígrafe
Henry James
A fera na selva
1
2
3
4
5
6
Créditos

Henry James

NA VERDADE, nada aconteceu a Henry James. Neste sentido, é significativo que eu tenha escolhido na sua imensa obra justamente esta novela, para apresentá-lo ao leitor brasileiro: nela, o personagem principal se vê às voltas com o problema de nada lhe acontecer na vida.

Na do autor, se alguma coisa lhe aconteceu, foi negativa: um acidente que lhe injuriou as costas para sempre, impedindo-o que se tornasse soldado durante a Guerra Civil. E levando-o a refugiar-se para sempre na literatura. Nunca se casou, não se registrando ao longo de sua vida nenhuma relação amorosa com alguma mulher – ou algum homem. Nunca precisou de trabalhar para assegurar o seu sustento. Morreu aos 73 anos de idade, a 28 de fevereiro de 1916, tendo nascido nos Estados Unidos, na cidade de Nova Iorque, a 15 de abril de 1843. Em 1875, aos 32 anos portanto, mudou-se para a Europa e passou a viver para sempre na Inglaterra, naturalizando-se inglês um ano antes de morrer. Os seus dados estritamente biográficos se resumem a isto.

Embora nada lhe acontecesse, tudo lhe aconteceu. Privou da amizade dos maiores escritores de seu tempo, como Turguenev, Flaubert, Renan, Zola, Daudet, George Eliot, Ruskin, Morris, Tennyson, Browning, Gladstone, Stevenson e tantos outros. No plano da cultura, da inteligência e da sensibilidade, foi uma das figuras mais atentas e participantes do século XIX, a se julgar pelo que pôde observar do comportamento humano ao seu redor e registrá-lo ao longo de dezenas de romances, novelas, contos, ensaios críticos, dramas e narrativas de viagem.

Muito admirado (e pouco lido) como precursor da moderna ficção, foi quem introduziu o flashback e a narração indireta no romance. Sua volumosa obra é de fazer o leitor se perder numa profusão avassaladora de volumes, se não disciplinar a leitura atentando para a divisão em três fases distintas.

A primeira tem como temática principal o conflito entre a mentalidade americana, principalmente o puritanismo da Nova Inglaterra, e a tolerância europeia. A obra principal deste período é o romance *Portrait of a Lady* (*Retrato de uma senhora*).

Na segunda, a nota predominante é a da desilusão na meia-idade, decorrente da falta de consagração popular que sua obra não conseguira alcançar até então. Durante alguns anos ele tentou sem sucesso o teatro, voltando à ficção em obras cujo tema refletia o drama do artista em face da sociedade aristocrática. Característica desta época é o romance *The Princess Casamassima* (*A princesa Casamassima*) e particularmente *The Tragic Muse* (*A musa trágica*) em que já se anteviam as profundezas nas quais o autor em breve mergulharia.

A terceira fase decorreu da sua determinação de escrever apenas para si mesmo e seu reduzido público. Os temas são cada vez mais impregnados da preocupação fundamental com o problema moral de opção entre o bem e o mal. O leitor já não tem a atenção voltada para a história, propriamente, quase sempre de desenvolvimento

arrastado e aparentemente convencional, mas para a maneira com que ela é focalizada: do ponto de vista particular do autor, dando a quem o lê a impressão de estar presente no momento da ação. Com isso ele superava as limitações da ficção tradicional e se tornava um inovador: em vez da aparência do personagem, é seu caráter que se entrevê a cada linha, numa linguagem indireta de admirável finura. A esta fase, na qual sobressaem os livros mais importantes da sua obra, como *The Ambassadors* (em>Os embaixadores), *The Wings of the Dove* (*As asas da pomba*), *The Golden Bowl* (*O vaso de ouro*) e inúmeras novelas, pertence a obra-prima da novelística universal, *The Beast in the Jungle* (*A fera na selva*), que selecionei para iniciar a coleção "Novelas Imortais".

Seleção temerária – a partir do próprio autor escolhido. Não me refiro às dificuldades de compreensão dos mistérios que ele vai semeando a cada página de suas obras, enquanto desvenda outros na página seguinte, num jogo de sutilíssima inteligência em que parece divertir-se com o leitor. Refiro-me também à dificuldade da tradução propriamente dita, que me trouxe o arrependimento tão logo a iniciei. Não é de se admirar que Henry James praticamente mal tenha sido apresentado em língua portuguesa. É que as nuanças de um inglês refinadíssimo, semeado de comparações, metáforas, requintadas expressões idiomáticas e toda espécie de preciosas figuras de retórica, representam para o tradutor uma armadilha a cada passo. Não se falando da dificuldade decorrente do próprio tema desta novela em particular, circunscrito à relação, ao longo dos anos, entre um homem e uma mulher a quem nada acontece. O problema dos possessivos *his* e *her*, por exemplo, que em nossa língua não concordam em gênero com o possuidor, como no inglês, e sim com o objeto possuído, levou o texto, para maior clareza, a embrenhar-se numa verdadeira selva de *deles* e *delas* em vez de *seus* e *suas* – assim como o pronome neutro *it* a uma chuva de *issos* e *aquilos*. A riqueza estilística do autor é tão extraordinária que o leva a empregar a mesma expressão, às vezes até na mesma frase, com acepções diversas. Como é o caso, por exemplo, da palavra *vagueness*, que em português tanto pode ser *incerteza*, *confusão*, *dúvida* ou *insegurança*, e não *vaguidão* – o tradutor que adivinhe o que o autor quis dizer.

Nem por isso a aventura em que me meti se tornou menos fascinante. Procurei respeitar a duras penas a sintaxe arrevesada do texto original, tão característica do estilo jamesiano, para reproduzir na medida do possível os volteios, meandros e torneios labirínticos em que sua prosa às vezes se mete, tentando (e conseguindo) dizer o indizível. A leitura exige rigorosa atenção – mas sempre bem recompensada.

Quanto ao conteúdo propriamente dito, nada devo adiantar, para não tirar a surpresa da história, principalmente do final. Estou certo de que na última página a Fera emboscada na Selva haverá de desfechar sobre o leitor o seu bote fatal, como fez comigo, da primeira vez que li esta novela para sempre inesquecível.

FERNANDO SABINO
(1986)

A FERA NA SELVA

7

POUCO importa o que motivou a surpreendente conversa que tiveram durante o encontro, tendo sido provavelmente apenas algumas palavras que ela disse sem qualquer intenção, enquanto os dois iam caminhando lentamente, e ficando para trás, depois de terem renovado o conhecimento um do outro. Alguns amigos o haviam trazido, uma ou duas horas antes, à casa em que ela estava hospedada; os hóspedes da casa vizinha, como ele (o que confirmava sua habitual teoria, segundo a qual não passava de mais um no meio da multidão), tinham sido convidados para o almoço. Depois do almoço, houve muita dispersão, toda ela devida ao que o motivara: conhecer Weatherend e suas preciosidades, aspectos especiais, pinturas, bens de herança, tesouros de todas as artes, que faziam o lugar quase famoso; e os enormes salões eram tantos que os hóspedes podiam vagar à vontade, destacar-se do grupo principal e, no caso daqueles que encaram essas coisas com a maior seriedade, entregar-se a misteriosas medições e avaliações. Podiam-se observar pessoas, sozinhas ou acompanhadas, curvadas sobre objetos pelos cantos, mãos apoiadas nos joelhos, balançando a cabeça com a ênfase de uma reação olfativa. Quando eram dois, chegavam mesmo a misturar sons de êxtase ou mergulhar em silêncios da mais profunda significação, a ponto de haver para Marcher em tudo aquilo um ar de “dar uma olhada”, antes de uma venda intensamente anunciada, e que excita ou apaga o sonho da aquisição.

O sonho da aquisição Weatherend teria de ser realmente muito forte, e John Marcher deu consigo, ante tais sugestões, desconcertado pela presença não só dos que sabiam tudo como dos que não sabiam nada. As grandes salas sugeriam tanta Poesia e tanta História que ele sentia necessidade de se desgarrar dos demais, para se ver bem situado em relação ao lugar, embora seu impulso não pudesse ser comparado, como o olhar cobiçoso de alguns dos seus companheiros, aos movimentos de um cachorro farejando comida. Teve um resultado imediato numa direção impossível de ser prevista.

Levou-o, em suma, naquela tarde de outubro, a um encontro mais prolongado com May Bartram, em cujo rosto começou a perturbá-lo de maneira bastante agradável, não propriamente uma recordação, mas uma espécie de reminiscência, quando se achavam numa longa mesa, sentados bem longe um do outro. Parecia-lhe a sequência de algo cujo começo ele houvesse perdido. No momento, acolheu a sensação de bom grado: como se fosse uma continuação, sem saber exatamente o que aquilo continuava, e que vinha a ser um interesse ou uma distração, tanto maior quanto ele tinha também consciência – ainda que sem qualquer confirmação direta da parte dela – de que a própria jovem não havia perdido o fio da meada. Não havia perdido, mas não o daria de volta, percebeu ele, sem que de sua parte estendesse a mão para recebê-lo; não somente percebeu isso, como muitas coisas mais, coisas bastante estranhas, levando-se em conta que, no momento em que a movimentação do grupo os deixou face a face, ele estava às voltas com a ideia de que qualquer contato entre eles no passado não

tivera importância.

Se não tivera importância, ele mal sabia por que a impressão que ela agora lhe causava parecia ter tanta; a resposta, todavia, era de que, naquela vida que todos no momento aparentavam levar, não se podia senão aceitar as coisas como elas aconteciam. Sem ter a menor condição de saber por quê, ele estava convencido de que aquela jovem poderia ser considerada na casa mais ou menos como uma parente pobre; também de que ela não estava ali somente para uma rápida visita, mas de certa forma como parte da organização – quase uma parte profissional, remunerada. Não desfrutava ela, de tempos em tempos, de uma proteção pela qual pagava com a sua ajuda, entre outros serviços, em mostrar a casa e explicá-la, lidando com gente cansativa, respondendo perguntas sobre datas de construção, estilo do mobiliário, autoria dos quadros, lugar preferido do fantasma? Não que ela parecesse ser dessas a quem se pode dar uns trocados – era impossível parecer menos. Ainda assim, quando afinal ela se encaminhou em sua direção, extremamente simpática, embora bem mais velha – mais velha do que era quando a vira antes – talvez o tenha feito em virtude de haver percebido que ele lhe dedicara sua imaginação nas últimas duas horas mais do que a todos os demais juntos, e tenha assim atingido uma espécie de verdade que os outros eram muito estúpidos para apreender. Ela *estava* ali em condições mais difíceis que qualquer outro; estava ali em consequência do que lhe aconteceu, de um modo ou de outro, naqueles anos de intervalo; e se lembrava dele tanto quanto ele dela – só que muito melhor.

Quando enfim chegaram a se falar, estavam a sós numa das salas – excepcional pelo belo retrato sobre a lareira – de onde os amigos dele haviam saído, e o encanto daquilo era que mesmo antes de se falar, os dois haviam tacitamente se entendido um com o outro a fim de ficarem para trás e conversar. O encanto, felizmente, estava em outras coisas também – em parte no fato de quase não existir em Weatherend um lugar sem alguma coisa pela qual se deixar ficar para trás. Estava na maneira em que aquele dia de outono se refletia através das altas janelas enquanto ia se esvanecendo lá fora; na maneira em que a luz vermelha, surgindo ao crepúsculo, sob um céu carregado e sombrio, estendia-se num longo raio que ia atingir antigos lambris de madeira, tapeçarias antigas, ouros antigos, cores antigas. Mais do que tudo, estava talvez na maneira pela qual ela veio a ele, como se ele pudesse, caso preferisse manter as coisas nessa mesma base, encarar a delicada atenção dela como parte de sua ocupação, já que ela a isso se dedicava. Tão logo ouviu sua voz, porém, a lacuna foi preenchida e o elo perdido surgiu; a ligeira ironia que ele sentiu em sua atitude deixou de representar qualquer vantagem. Quase saltou para chegar lá antes dela:

– Nós nos encontramos há anos em Roma. Lembro-me de tudo.

Ela confessou seu desapontamento – estava tão certa de que ele não se lembrava; para provar que sim, e quanto, ele começou a despejar recordações que se multiplicavam à medida que as suscitava. O rosto dela e a voz, inteiramente a seu dispor agora, fizeram o milagre – a impressão funcionando como um acendedor, que a um toque de sua chama acende uma longa sequência de lâmpadas de gás, um por

uma. Marche se sentiu lisonjeado, a iluminação era brilhante, mas o que realmente mais lhe deu prazer foi quando ela o fez ver, divertida, que na sua ânsia de fazer tudo certo ele havia lembrado quase tudo errado. Não tinha sido em Roma – tinha sido em Nápoles; não fora oito anos antes, fora quase dez. Ela não estava com seus tios, e sim com a mãe e o irmão; além do mais, não era com os Pembles que ele estava, mas com os Boyers, voltando de Roma em sua companhia – um ponto em que ela insistiu, para ligeira confusão dele, e do qual tinha as provas na mão: os Boyers, ela já conhecia, mas não chegou a conhecer os Pembles – embora tivesse ouvido falar deles – e essas pessoas que estavam com ele é que os haviam apresentado um ao outro. O incidente da tempestade que se abateu sobre eles com tamanha violência, a ponto de obrigá-los a buscar refúgio numa escavação – este incidente não ocorreu no Palácio dos Césares, mas em Pompeia, ocasião em que eles testemunharam lá uma importante descoberta.

Ele aceitou as emendas, divertiu-se com as correções, ainda que a moral da história fosse que ele, conforme ela frisou, *realmente* não se lembrava de coisa alguma a respeito; e ele só tomou aquilo como uma desvantagem quando tudo se tornou estritamente histórico e pouca coisa sobrou para ser lembrado. Permaneceram juntos ainda, ela esquecida de sua função – pois já que ele era tão esclarecido, não tinha como exercê-la – e ambos esquecidos da casa, apenas esperando para ver se mais uma ou duas lembranças não lhes viria. Não lhes tinha tomado muito tempo, afinal de contas, pôr na mesa, como as cartas de um baralho, aquelas que cada um tinha na mão; apenas acontecia que o baralho infelizmente não era completo – o passado, invocado, convidado, encorajado, naturalmente não lhes podia dar mais do que continha. Continha aquele encontro remoto – ela com vinte anos, e ele com vinte e cinco; mas nada era mais estranho, pareciam dizer um ao outro, que desde então não lhes tivesse dado um pouco mais. Olhavam uma para o outro como diante de uma oportunidade perdida; a atual teria sido tão melhor se a outra, no passado distante, em terra estranha, não tivesse sido tão estupidamente escassa. Tudo considerado, aparentemente não havia mais que uma dúzia de pequenas coisas antigas que haviam acontecido entre eles; trivialidades da juventude, frescores da mocidade, tolices da inexperiência – pequenas sementes talvez, mas profundamente enterradas – profundamente demais (não parece?) para germinar assim depois de tantos anos. Marcher só poderia achar que deveria ter prestado algum serviço a ela – salvando-a de um barco emborcado na baía, ou pelo menos recuperado sua maleta de banho, roubada de seu cabriolé nas ruas de Nápoles por um vagabundo armado de estilete. Ou também teria sido bom se ele tivesse sido acometido por uma febre sozinho no hotel e ela tivesse cuidado dele, escrito à sua família, garantindo sua recuperação. Então eles estariam de posse de algo que sua situação real parecia carecer. De qualquer forma, essa se apresentava como boa demais para ser estragada. Assim eles ficaram reduzidos por mais alguns minutos a um questionamento infrutífero sobre por que – já que pareciam conhecer tantas pessoas em comum – seu encontro havia sido adiado por tanto tempo. Eles não usaram o termo, mas demora minuto a minuto para

se juntar aos outros era como uma confissão de que eles não queriam que aquilo fosse um fracasso. Suas suposições acerca dos motivos de não terem se encontrado antes apenas demonstravam como sabiam pouco a respeito um do outro. Então de fato chegou um momento em que Marcher teve uma palpitação. Era inútil fingir que ela era uma velha amiga, pois faltavam elementos de comunhão, apesar de ser como uma velha amiga que ele julgava que ela lhe seria adequada. Possuía número suficiente de novos amigos, estava cercado deles, por exemplo, na outra casa; se fosse uma nova amiga ele não lhe teria dado tanta atenção. Ele teria gostado de inventar alguma coisa, fazê-la acreditar que alguma passagem do tipo romântica ou crítica ocorrera originalmente. Estava quase procurando na imaginação – como lutasse contra o tempo – por algo que servisse e dizendo a si mesmo que se nada surgisse esse esboço de recomeço se mostraria completamente arruinado. Eles se separariam, e agora não mais para uma segunda ou terceira oportunidade. Teriam tentado e sido malsucedidos.

Então aconteceu que, justo nessa hora, tudo mais tendo falhado, como mais tarde ele observou para si mesmo, ela decidiu por conta própria assumir o caso, e, por assim dizer, salvar a situação. Tão logo ela falou, ele sentiu que ela vinha guardando conscientemente o que disse, na esperança de não ser preciso dizer; um escrúpulo dela que o tocou fundamente, quando, ao fim de três ou quatro minutos, se sentiu capaz de avaliá-lo. O que ela revelou, de qualquer maneira, veio desanuviar inteiramente o ar e forneceu o elo – o elo que era estranho houvesse ele tão frivolamente conseguido perder:

– Sabe, você me disse uma coisa que nunca consegui esquecer. E que desde então me fez pensar em você muitas vezes. Foi naquele dia em que fazia um calor tremendo, quando atravessamos a baía de Sorrento, só para aproveitar a brisa. Eu me refiro ao que você me disse, na volta, quando estávamos sentados no barco, aproveitando a sombra fresca sob o toldo.Você esqueceu?

Ele havia esquecido, e ficou mais surpreso do que envergonhado. Mas o importante é que não viu naquilo nenhuma lembrança vulgar de alguma “conversa” que houvesse tentado. A vaidade das mulheres tem boa memória, mas ela não lhe estava cobrando um galanteio ou um equívoco. Com outra mulher, que fosse totalmente diferente, ele poderia temer a possível lembrança até mesmo de uma “proposta” idiota. Assim, sendo forçado a dizer que realmente havia esquecido, tinha consciência mais de uma perda que de um ganho; vislumbrou logo um interesse no assunto mencionado:

– Estou tentando me lembrar, mas desisto. No entanto, me lembro daquele dia de Sorrento.

– Não estou muito certa disso – May Bartram respondeu, depois de algum instante: – E não estou muito certa se devo querer que você se lembre. É terrível fazer alguém voltar ao que era dez anos atrás. Se *você* conseguiu escapar – ela sorriu –, tanto melhor.

– Se *você* não conseguiu, por que eu deveria conseguir? – ele perguntou.

– Escapar do que eu própria era, você quer dizer?

– Do que *eu* era. Eu devia ser um idiota – Marcher continuou. – Mas a não saber

nada, preferiria saber de você exatamente que espécie de idiota eu era, já que você tem alguma coisa de que se lembra.

Ela, todavia, ainda hesitava:

– E se você deixou por completo de ser como era?

– Bem, então estarei em melhores condições de saber. Além do mais, talvez não tenha deixado.

– Talvez. Mas se não deixou – ela acrescentou –, acho que se lembraria. Não que *eu* de forma alguma relacione com a minha lembrança a expressão ofensiva que você usou. Se eu o achasse idiota – ela explicou –, a coisa de que estou falando não teria ficado na minha cabeça. Era sobre você próprio.

Ela esperou que ele fosse lembrar; mas como, limitando-se a olhá-la, intrigado, ele não desse sinal disso, queimou as etapas:

– Já aconteceu?

Foi então que, ainda a olhá-la fixamente, ele viu uma luz diante de si e o sangue subiu-lhe lentamente ao rosto, afogueado pela lembrança:

– Quer dizer que eu contei a você? – mas ele vacilou, não fosse exatamente aquilo que havia lembrado, fosse ele apenas se entregar.

– Era alguma coisa sobre você, que naturalmente a gente não esqueceria, a menos que não se lembrasse mais de você. Foi por isso que eu perguntei – ela sorriu – se aquilo que você falou já aconteceu.

Ah, somente agora ele via, mas estava completamente atônito, e se sentiu constrangido. Viu também que isso fez com que ela sentisse pena dele, como se a alusão tivesse sido um erro. Levou algum tempo, todavia, para sentir que não fora um erro, por mais que tivesse sido uma surpresa. Depois daquele pequeno choque, o fato de ela saber, ao contrário, e ainda que fosse estranho, começou a lhe parecer agradável. Era a única outra pessoa no mundo a saber, e ela soubera durante todos aqueles anos, enquanto, para ele, se apagara inexplicavelmente a lembrança de lhe haver transmitido o seu segredo. Não era de se espantar que eles não pudessem se encontrar como se nada houvesse acontecido.

– Acho que sei a que você se refere – ele falou finalmente. – Só me parece estranho é que eu não tenha a menor lembrança de me ter aberto tanto com você.

– Será por que você se abriu também com muitos outros?

– Com ninguém. Absolutamente ninguém, desde então.

– Quer dizer que eu sou a única pessoa a saber?

– A única no mundo.

– Bem – ela respondeu rapidamente. – Eu própria não falei com ninguém. Nunca, mas nunca repeti o que você me disse. – Ela o olhou de maneira a que ele acreditasse no que dizia. Os olhos de ambos se encontraram de tal forma que ele não teve a menor dúvida: – E jamais direi.

Era tamanha a sinceridade dela que, embora quase excessiva, deixou-o à vontade sobre uma possível ironia. De certa maneira o caso todo era uma nova atração para ele – isto é, desde que aquilo era do conhecimento dela. Não tendo assumido uma

atitude irônica, ela claramente assumiu uma de simpatia, algo que ele, durante todo esse tempo, jamais tivera de quem quer que fosse. O que sentia era que não estaria em condições de contar-lhe agora, mas poderia se beneficiar, talvez de forma requintada, com o acaso que o levara a fazê-lo anteriormente.

– Então por favor não diga mesmo. Estamos bem, assim como está.

– Oh, eu estou – ela riu –, já que você está! – E acrescentou: – Quer dizer que você ainda se sente da mesma maneira?

Era impossível não concluir que ela estava de fato interessada, embora tudo continuasse a representar para ele uma completa surpresa. Durante tanto tempo se considerara abominavelmente só, e eis que não estava mais nem um pouco sozinho. Não esteve, como se via, por uma hora sequer – desde aquele dia no barco de Sorrento. *Ela* é que esteve sozinha – era o que ele parecia ver, ao olhá-la –, ela é que assim ficou, em consequência da imperdoável infidelidade dele. Dizer-lhe o que lhe havia dito – o que fizera, senão lhe pedir alguma coisa? Alguma coisa que ela havia dado, na sua compaixão, sem que ele tivesse agradecido através de uma recordação sequer, ao menos um sentimento de retribuição, já que não houvera outro encontro. O que lhe havia pedido a princípio fora simplesmente que não risse dele. Ela o atendera lindamente durante dez anos, assim como o atendia agora. Deveria, pois, manifestar-lhe uma infinita gratidão. Só que para isso, precisava saber exatamente que impressão lhe causara:

– Como foi, exatamente, que eu lhe contei?

– Sobre o que você sentia? Bem, foi muito simples. Contou que sempre teve, desde os primeiros tempos, como a coisa mais profunda dentro de você, a sensação de estar sendo poupado para algo raro e estranho, talvez prodigioso e terrível, que mais cedo ou mais tarde acabaria acontecendo. Que tinha este pressentimento, esta convicção, e que isto seria capaz de esmagá-lo.

– E você chama isso de muito simples? – John Marcher perguntou.

Ela pensou um momento:

– Talvez fosse porque quando você falou eu achei que havia entendido.

– Você entende mesmo? – ele perguntou com intensidade.

De novo ela pousou nele seus olhos suaves:

– Você ainda acredita?

– Oh! – exclamou ele, desamparado. Havia tanta coisa a dizer.

– O que quer que seja, – ela declarou com firmeza – ainda não veio.

Ele balançou a cabeça, agora completamente rendido:

– Ainda não veio. Só que, você sabe, não é nada que eu deva *fazer*, realizar neste mundo, que me torne famoso ou admirado. Não sou idiota a *este* ponto. Seria muito melhor que eu fosse, não há dúvida.

– É alguma coisa que você tenha apenas que sofrer?

– Bem, alguma coisa que eu tenho que esperar. Tenho que encontrar, que enfrentar, ver de repente irromper na minha vida. Provavelmente destruindo qualquer consciência posterior, provavelmente me aniquilando. Provavelmente, por outro lado, apenas

alterando tudo, atingindo a raiz do meu ser e me deixando entregue às consequências, seja qual for a forma que elas assumirem.

Ela ouviu o que ele disse sem que o brilho de seus olhos revelasse a menor zombaria:

– Não será talvez isso que você descreveu a expectativa… ou, de qualquer maneira, o senso do perigo, familiar para tanta gente, de vir a amar alguém?

John Marcher ficou pensativo:

– Você me perguntou isso antes?

– Não. Eu não era tão descontraída naquela época. Mas é o que me ocorre agora.

– Claro – ele disse, ao fim de um momento. – Ocorre a você. É claro que *me* ocorre também. É claro que talvez não me esteja reservado nada mais do que isso. Acontece apenas que se fosse isso, acho que eu já estaria em tempo de saber.

– Você diz pelo fato de *já* ter amado alguém? – E como ele a olhasse em silêncio. – Você amou alguém e não significou esse cataclismo, não foi o grande acontecimento. Não é isso?

– Eu estou aqui, você pode ver. Não foi assim tão arrasador.

– Então não foi amor – concluiu May Bartram.

– Bem, pelo menos achei que era. Senti como se fosse. E tenho sentido até agora. Foi agradável, foi delicioso, foi infeliz – ele explicou. – Mas não foi estranho. Não foi como *meu* acontecimento deve ser.

– Você quer que aconteça alguma coisa só para você… Alguma coisa que ninguém mais saiba ou jamais tenha sabido?

– Não se trata do que eu *queira*. Deus sabe que não quero nada. Trata-se apenas da apreensão que me persegue… Com a qual eu vivo dia após dia.

Ele falou com tanta lucidez e coerência que podia sentir suas palavras se impondo por si mesmas. Se ela não estivesse interessada antes, estaria agora:

– É uma sensação de alguma violência iminente?

Era evidente que agora também ele estava de novo gostando de falar naquilo:

– Não penso que seja como… quando de fato vier… como necessariamente violento. Penso como alguma coisa natural e é claro que inconfundível, acima de tudo. Penso simplesmente como sendo *a coisa*. A coisa, em si, vai parecer natural.

– Então como é que vai parecer estranho?

Marcher refletiu um instante:

– Não vai… para *mim*.

– Para quem, então?

– Bem – ele respondeu, sorrindo afinal. – Digamos para você.

– Ah, então eu vou estar presente?

– Mas você *está* presente… desde que ficou sabendo.

– Entendo – ela retrucou. – Mas estou dizendo presente à catástrofe.

A este ponto, por um minuto, a leveza da conversa deu lugar à gravidade; foi como se o longo olhar que trocaram os mantivesse juntos:

– Depende somente de você… Se for esperar comigo.

– Você tem medo? – ela perguntou.

– Não me deixe *agora* – ele prosseguiu.

– Você tem medo? – repetiu ela.

– Acha que simplesmente não estou no meu juízo perfeito? – ele insistiu em vez de responder. – Dou a impressão de não passar de um doido inofensivo?

– Não – disse May Bartram. – Eu entendo você. Acredito em você.

– Quer dizer que você sente que minha obsessão, pobre coisa!, pode corresponder a uma possível realidade?

– A uma possível realidade.

– Você vai esperar comigo?

Ela hesitou, e então, pela terceira vez repetiu sua pergunta:

– Você tem medo?

– Eu lhe disse que tinha? Em Nápoles?

– Não, não disse nada a esse respeito.

– Então não sei. E *gostaria* de saber – afirmou John Marcher.

– Me diga o que você acha. Se esperar comigo, você verá.

– Então muito bem.

A esta altura os dois caminhavam ao longo da sala e, antes de sair, pararam à porta, como para confirmar o seu entendimento.

– Vou esperar com você – disse May Bartram.

2

O FATO de *saber* – ela sabia e nem zombava dele nem o iludia – em pouco tempo começou a representar para os dois uma atraente ligação, que se tornou mais marcante quando, durante o ano que se seguiu àquela tarde em Weatherend, multiplicaram-se as oportunidades de se encontrarem. O acontecimento que possibilitou essas ocasiões foi a morte da velha senhora, tia-avó dela, sob cuja asa havia de certa forma encontrado abrigo desde que perdera a mãe; embora a tia-avó não fosse senão a mãe viúva do novo herdeiro, conseguira, graças ao seu temperamento difícil e altissonante, conservar a suprema posição dentro de casa. A destituição desta personagem só se deu com a morte, que, seguida de muitas mudanças, trouxe uma mudança especial para a jovem, em quem a atenção de Marcher, com sua experiência, reconhecera logo uma dependente, dona de um orgulho que podia doer, mas não se encrespava. Nada, durante longo tempo, o acalmou mais do que o pensamente de que a dor deve ter sido muito minorada quando Miss Bartram se viu instalada numa pequena casa em Londres. Ela havia se tornado proprietária, e tal luxo se fez possível graças ao testamento da tia-avó, bastante complicado; quando o negócio começou a ser resolvido, o que na verdade exigiu tempo, ela mandou dizer a ele que a feliz solução finalmente estava à vista. Haviam estado juntos antes daquele dia, pois ela não só acompanhou mais de uma vez a velha senhora até a cidade, como ele visitara de novo os amigos que haviam tornado Weatherend, de maneira tão conveniente, um dos atrativos da hospitalidade deles. Estes amigos o levaram de novo lá; ele conseguira ter de novo com Miss Bartram alguns tranquilos momentos a sós; e em Londres havia conseguido dela, mais de uma vez, que se afastasse um instante da tia. Nessas ocasiões, foram juntos à National Gallery e ao Museu de South Kensington, onde, entre vívidas lembranças, falaram da Itália em geral – agora não tentando recuperar, como antes, o gosto da juventude e da inexperiência. Esta recuperação, no primeiro dia em Weatherend, havia cumprido bem o seu papel, tinha-lhes dado o suficiente; assim, Marcher sentia que já não estavam flutuando nas cabeceiras do rio, mas que o barco ia sendo rapidamente levado rio abaixo.

Os dois literalmente navegavam juntos; para o nosso cavalheiro, isto era tão mais evidente quanto a causa afortunada era justamente o tesouro enterrado, que vinha a ser o que ela sabia. Com suas próprias mãos ele havia desenterrado seu pequeno tesouro, trazendo-o para a luz do dia – ou seja, para o dia de luz indistinta das suas reservas e discrições – tendo esquecido tão estranhamente e por tanto tempo o esconderijo onde havia ele próprio enterrado o seu objeto de valor. A sorte rara de haver outra vez esbarrado no lugar exato o tornou indiferente a tudo mais; sem dúvida dedicaria mais tempo ao seu esquisito lapso de memória, se não fosse levado a dedicar mais à doçura, ao alívio, para o futuro, que o próprio lapso ajudou a conservar. Nunca fizera parte de seus planos que alguém mais pudesse *saber*, principalmente pela simples razão de que não estava nele contar a ninguém. Isso teria sido impossível, pois

não poderia esperar nada de um mundo indiferente, a não ser que se divertissem com aquilo. Desde, todavia, que, a despeito dele, o misterioso destino veio abrir em tempo a sua boca, considerou isto uma compensação da qual tiraria o maior proveito. A ideia de que a pessoa certa é que *sabia* amenizava a aspereza do seu segredo bem mais do que a timidez poderia deixá-lo imaginar; e May Bartram era evidentemente a pessoa certa porque – bem, porque ali estava ela. Seu conhecimento simplesmente tornava tudo certo; se fosse a pessoa errada, a esta altura ele já saberia. Na sua situação, havia sem dúvida algo que o predispunha demais a ver nela uma simples confidente, acendendo para ele toda a sua luz, a partir do fato – somente do fato – de se interessar pelo transe em que ele se achava, e de sua compaixão, simpatia, seriedade – sua concordância em não o encarar como o mais engraçado dos engraçados. Sabendo, em suma, que o que ela tinha de precioso para ele era lhe dar aquela constante impressão de estar sendo admiravelmente poupado, ele tinha o cuidado de se lembrar que ela também levava uma vida própria, com coisas que poderiam acontecer a *ela*, coisas que numa amizade deveriam da mesma forma ser levadas em conta. Quanto a isso, algo bem extraordinário veio a acontecer com ele, nesta área – algo representado por certa passagem súbita de sua consciência de um extremo a outro.

Ele se considerava, desde que ninguém viesse a saber, a pessoa mais desinteressada do mundo, carregando sempre discretamente a sua pesada carga, jamais tocando no assunto, não mostrando aos demais sequer um lampejo dela, ou dos efeitos sobre sua vida, não pedindo a compreensão de ninguém e somente dando, por seu lado, aquela que lhe pediam. Não incomodava os outros com a excentricidade de obrigá-los a conhecer um homem mal-assombrado, ainda que em certos momentos tivesse a maior tentação de ouvi-los dizer que estavam eles próprios bastante assombrados. Se ficassem tão assombrados quanto ele – que nunca deixara de estar uma hora sequer de sua vida – saberiam o que isso significava. Mesmo assim, não lhe cabia assombrá-los, e ele se limitava a ouvi-los com suficiente civilidade. Esta a razão pela qual tinha tão boas maneiras – embora possivelmente fosse um tanto sem graça; esta a razão, acima de tudo, de se considerar um homem razoavelmente – e até, quem sabe, extraordinariamente – desprendido num mundo ganancioso. Em consequência, acreditamos que ele valorizava esta característica o suficiente para ter a consciência do perigo de perdê-la, contra o qual prometeu a si mesmo ficar sempre de sobreaviso. Estava preparado, mesmo assim, para ser egoísta – só um pouco – já que na verdade nenhuma ocasião mais tentadora se tinha apresentado. “Só um pouco”, em resumo, era justamente o máximo que Miss Bartram permitiria. Ele jamais exerceria sobre ela o menor predomínio, e tinha sempre em mente as coordenadas que sua consideração por ela – a mais alta – exigia que seguisse. Estabeleceria totalmente as regras pelas quais os negócios dela, requisitos, peculiaridades – ele foi a ponto de lhes dar a amplidão desta palavra – deveriam ser pautados ao longo da convivência entre eles. Tudo isso, naturalmente, era sinal de quanto ele dava a convivência como certa. Não havia nada mais a fazer a respeito *disso.* Simplesmente existia; tinha nascido com a

primeira pergunta direta que ela lhe fizera à luz do outono lá em Weatherend. A forma verdadeira que deveria ter assumido, nas bases que se impunham, era a do casamento. Mas o diabo era que as próprias bases afastavam qualquer possibilidade de casamento. Sua convicção, sua apreensão, sua obsessão, em suma, não era um privilégio do qual se podia convidar uma mulher a participar; e este era exatamente o seu problema. Alguma coisa estava lá, a esperá-lo, nas curvas e torneiros dos meses e dos anos, como uma fera à espreita na selva. Pouco importava se a fera na tocaia deveria matá-lo ou ser morta. O ponto definitivo era o bote inevitável do animal; e a lição definitiva era que um homem sensível não impõe a si mesmo ser acompanhado por uma senhora numa caçada de tigres. Esta era a imagem de sua vida, que ele acabara delineando.

Não obstante, nos raros momentos que passavam juntos, eles a princípio não haviam feito alusão alguma a esta maneira de ver as coisas; uma prova, a qual ele estava sempre amavelmente disposto a dar, de que não esperava – de fato não se importava – que estivessem sempre a falar sobre isto. Tal característica, na aparência de alguém, era realmente como ter uma corcunda. A diferença se impunha a todo minuto, independentemente de qualquer conversa. Conversava certamente *como* um corcunda, pois havia sempre, pelo menos, a cara do corcunda. Esta permanecia, e sua amiga o observava; mas as pessoas em geral observavam melhor em silêncio, de modo que esta era a forma que predominava na vigilância dos dois. Ao mesmo tempo, ele não queria ficar tenso e solene, como imaginava que era diante das outras pessoas. O que deveria ser, com a única pessoa que sabia, era natural e descontraído – fazer a alusão em vez de parecer que a evitava, evitá-la em vez de parecer que a fazia, em qualquer caso mantê-la familiar, brincalhona mesmo, em vez de pedante ou sinistra. Algumas considerações como esta povoavam sua mente, quando por exemplo escreveu a Miss Bartram dizendo amavelmente que a grande coisa, que durante tanto tempo acreditara lhe estar reservada no colo dos deuses, talvez não passasse do fato, para ele tão gratificante, de ter ela vindo a possuir uma casa em Londres. Foi a primeira alusão que tornaram a fazer, pouco precisando de outra até então, mas quando ela respondeu, depois de contar-lhe as novidades, que de forma alguma se satisfazia com semelhante insignificância como sendo o clímax de uma expectativa tão excepcional, quase o deixou imaginando se ela não teria mesmo uma concepção da singularidade dele mais vasta do que teria ele próprio. Estava, de qualquer modo, destinado a tornar-se consciente, pouco a pouco, com o passar do tempo, de que ela observava sem cessar a sua vida, julgando-a, medindo-a, à luz daquilo que sabia sobre ele, e que finalmente, com a consagração dos anos, acabou jamais sendo mencionado pelos dois, a não ser como “a verdadeira realidade”. Esta foi sempre a sua própria maneira de mencioná-la, mas ela adotou-a tão mansamente que, olhando para trás ao fim de certo tempo, ele não saberia dizer em que momento ela havia, como diria ele, adotado a sua ideia, ou trocado a bela atitude de condescendência por uma ainda mais bela de confiança.

Era sempre possível a ele acusá-la de o ver como o mais inofensivo dos loucos, e isso, a longo prazo – já que tão abrangente –, era, a seu ver, a melhor definição

daquela amizade; para ela, ele teria um parafuso frouxo, mas ela gostava dele assim mesmo e praticamente, contra o resto do mundo, era sua gentil e sábia guardiã, não remunerada mas bem contente, e na inexistência de outros laços, exercendo uma ocupação honrada. O resto do mundo com certeza o considerava esquisito, mas ela, ela somente, sabia como e, acima de tudo, por que esquisito; e isso era exatamente o que permitia a ela arrumar o véu do disfarce em dobras certas. Ela tomou dele a jovialidade – já que aquilo devia passar por jovialidade entre eles – assim como tomou tudo mais; mas até ali ela sem dúvida justificava, com seu tato infalível, a mais aguda consciência que ele tinha do quanto chegara a convencê-la. *Ela,* pelo menos, nunca falou do segredo da vida dele a não ser como "a verdadeira realidade a seu respeito", e tinha de fato uma extraordinária maneira de fazer crer que fosse, como tal, o segredo também da sua própria vida. Assim era, em suma, como ele sentia frequentemente a condescendência dela para com ele; de modo geral não podia dar-lhe outro nome. Ele também condescendia, mas ela condescendia mais; em parte porque, melhor situada para uma visão do assunto, ela seguia a dolorosa perversão dele através de meandros do seu curso que ele dificilmente poderia seguir. Ele sabia como se sentia. Mas ela, além de sabê-lo, sabia também o que ele aparentava; ele sabia cada uma das coisas importantes que insidiosamente se via impedido de fazer, mas ela conseguia avaliar o quanto essas coisas representavam, entender quanto ele teria sido capaz de fazer, não fora a carga que lhe pesava no espírito, e assim determinar como ele havia fracassado, sendo tão brilhante. Acima de tudo, ela conhecia o segredo da diferença entre os papéis que ele assumia, o deu seu modesto cargo junto ao governo, o de cuidar do seu pequeno patrimônio, de sua biblioteca, de seu jardim no campo, o de se interessar pelas pessoas em Londres, cujos convites aceitava e retribuía – e o alheamento reinante sob tudo isto, que tornava a sua conduta – tudo que, pelo menos, pudesse ser chamado de sua conduta – um longo ato de dissimulação. O que acabou acontecendo é que ele passou a usar uma máscara pintada com o sorriso social, de cujas frestas emanava um olhar de uma expressão que nada tinha a ver com as suas feições. Era o que o mundo estúpido, mesmo depois de tantos anos, jamais descobriu senão em parte. Somente May Bartram chegara a fazê-lo, e, com uma arte indescritível, realizava a façanha de encarar os olhos de frente e ao mesmo tempo – ou talvez fosse apenas alternadamente – intrometer sua própria visão, como por sobre o ombro dele, espiando também através das frestas da máscara.

Assim, enquanto envelheciam juntos, ela realmente esperou com ele, e deixou que esta associação desse forma e cor à sua própria existência. Também sob os papéis que ela assumia, o alheamento aprendera a se acomodar, e sua conduta, no sentido social, tornou-se um falso testemunho dela própria. Não havia senão um testemunho que fosse verdadeiro o tempo todo, que não poderia dar diretamente a ninguém, muito menos a John Marcher. Disso, toda a sua maneira de ser era uma evidência total, mas que ele só percebia como se fosse uma das muitas coisas nascidas necessariamente da sua própria imaginação. Se, além do que, ela devesse fazer como ele sacrifícios em nome da *verdadeira realidade* de ambos, ser-lhe-ia concedido que a compensação

dela fosse mais imediata e natural. Houve longos períodos, nesta época de Londres, durante os quais, quando estavam juntos, um estranho os ouviria sem prestar a menor atenção; por outro lado, a verdadeira realidade estava sujeita a subir à superfície de um momento para outro, e o ouvinte então ficaria a imaginar sobre o que, afinal, aqueles dois estavam falando. Haviam desde cedo decidido que a sociedade felizmente não era inteligente, e a margem que isso lhes concedia tornara-se um dos lugares-comuns habituais entre eles. Mas havia ainda momentos em que a situação se tornava quase inédita – em geral sob o efeito de alguma expressão que ela deixava escapar. Suas expressões sem dúvida se repetiam, mas a generosos intervalos:

– O que nos salva, você sabe, é que correspondemos inteiramente a essa aparência tão comum: a de um homem e uma mulher cuja amizade se tornou de tal maneira um hábito cotidiano, ou quase, que chega a se tornar indispensável.

Esta, por exemplo, era uma observação que ela tinha ocasião de fazer com frequência, ainda que às vezes lhe desse desenvolvimento diverso. O que nos concerne em especial é o sentido que tomou um dia, quando ele veio vê-la para celebrar-lhe o aniversário. A data caíra num domingo, num tempo de espessa neblina e um clima geral de melancolia; mas ele lhe havia trazido sua costumeira lembrança, conhecendo-a já por um tempo suficientemente longo para permitir que estabelecesse com ela uma centena de pequenas tradições. Era uma prova para si mesmo, aquele presente de aniversário, de que ele não havia se afundado num egoísmo completo. Em geral não passava de uma pequena bijuteria, mas era sempre um artigo fino, no gênero, e ele tinha regularmente o cuidado de gastar com isso mais do que achava que poderia.

– Nossos hábitos pelo menos salvam você, não está vendo? Porque fazem com que você acabe sendo, aos olhos de todos, como outro homem qualquer. Qual é a marca mais característica do homem, em geral? Ora, é a capacidade de passar um tempo infinito com mulheres tolas, eu não diria sem se aborrecer, mas sem se importar que elas sejam, sem sair pela tangente por causa disso; o que vem a dar na mesma. Eu sou a sua mulher tola, uma parte do seu pão de cada dia pelo qual você reza na igreja. Isso cobre as suas pegadas mais do que qualquer coisa.

– E o que cobre as suas? – perguntou Marcher, a quem aquela mulher tola poderia em geral distrair a esse ponto. – Claro que entendo o que você quer dizer quando fala em me ter salvo, desta ou daquela maneira, aos olhos dos outros. Tenho percebido isto o tempo todo. Mas o que é que salva *você*? É no que sempre penso, você sabe.

Ela o olhou como se às vezes pensasse nisso também, mas de maneira bem diferente:

– Você quer dizer o que me salva aos olhos dos outros?

– Bem, você realmente está nisso comigo, não é… Como uma espécie de consequência de eu estar nisso com você própria. Quero dizer, nessa minha estima enorme por você, sendo tremendamente consciente de tudo que você tem feito por mim. Às vezes me pergunto se isso é de todo justo. Justo, eu digo, ter envolvido você tanto, interessado tanto, se é que posso dizer assim. Quase sinto como se você na verdade não tivesse tido tempo para fazer mais nada.

– Mais nada senão me interessar? – ela perguntou. – Oh, o que mais alguém jamais quis fazer? Se eu venho "vigiando" com você, como há tempos concordamos que eu faria, vigiar é sempre uma ocupação em si mesma.

– Certamente – disse John Marcher. – Se você não tivesse manifestado sua curiosidade!… Somente não ocorre às vezes a você que sua curiosidade não está sendo devidamente recompensada?

May Bartram fez uma pausa, antes de responder:

– Será que você pergunta isso porque sente que a sua não está sendo? Quero dizer, por ter de esperar tanto tempo?

Ah, ele entendia o que ela queria dizer!

– Esperar que aconteça a coisa que nunca acontece? Que a fera dê o seu bote? Não, sobre isso eu estou onde estava. Não é uma coisa sobre a qual eu possa *escolher*, possa decidir que mude. Não é uma coisa que *possa* ser mandada. Está no colo dos deuses. Estamos entregues à própria lei: aí estamos. Quanto à forma que a lei vai assumir, de que maneira vai se impor, isso corre por conta dela própria.

– Bem – respondeu Miss Bartram. – É claro que nosso destino está se cumprindo, é claro que se cumpriu com sua forma própria e à sua maneira o tempo todo. Só você sabe, que a forma e a maneira no seu caso eram para ter sido… Bem, alguma coisa de muito excepcional e, pode-se dizer, muito particularmente *sua*.

Algo naquilo fez com que ele a olhasse, intrigado:

– Você diz *era para ter sido* como se no íntimo tivesse começado a duvidar.

– Oh! – ela protestou vagamente.

– Como se acreditasse – continuou ele – que nada vai acontecer.

Ela balançou a cabeça lentamente mas de modo inescrutável:

– Você está longe do que estou pensando.

Ele continuou a olhá-la:

– Então o que é que há com você?

– Bem – ela disse ao fim de mais um instante. – O que há comigo é simplesmente que estou mais certa que nunca de que minha curiosidade, como diz você, será muito bem recompensada.

Ambos estavam francamente graves agora; ele havia se erguido da cadeira, e andava mais uma vez pela pequena sala de estar para onde, ano após ano, ele trazia seu assunto inevitável; onde, poder-se-ia dizer, havia participado com ela de uma intensa convivência em todas as suas variantes; onde cada objeto lhe era tão familiar como as coisas de sua própria casa, e os tapetes até já estavam gastos com suas impetuosas passadas, como a mesa das repartições se gasta com o cotovelo de gerações de funcionários. Gerações de seus acessos de inquietação estiveram trabalhando ali, e o lugar era a história escrita de toda a sua meia-idade. Impressionado com o que a amiga acabara de dizer, viu-se, por alguma razão, mais consciente de tudo isso – o que o levou, ao fim de um momento, a deter-se diante dela:

– Será possível que você acabou com medo?

– Medo?

Enquanto ela repetia a palavra, ele achou que a pergunta a fizera mudar um pouco de cor; assim sendo, para o caso de haver tocado numa verdade, resolveu acrescentar, muito delicadamente:

– Lembra-se que foi isso que você perguntou *a mim*, há muito tempo. Naquele primeiro dia em Weatherend.

– Ah, sim, e você me disse que não sabia… Que eu ia descobrir por mim mesma. Falamos pouco a este respeito desde então, mesmo durante tão longo tempo.

– Exatamente – Marcher interpôs. – Exatamente como se fosse uma questão muito delicada para ser abordada à vontade. Exatamente como se pudéssemos descobrir, sob pressão, que eu *estou* com medo. Porque nesse caso – ele disse – nós ficaríamos sem saber absolutamente o que fazer, não ficaríamos?

Por ora ela não tinha resposta para esta pergunta:

– Houve ocasiões em que pensei que você estava. Somente, é claro – ela acrescentou, – houve ocasiões em que pensamos quase tudo.

– Em tudo. Oh! – Marcher gemeu brandamente como um meio suspiro, diante da face do segredo que sempre os acompanhava, e agora mais exposta do que nunca durante longo tempo. Sempre houvera imprevisíveis momentos em que esta face o encarava, como através dos olhos da própria Fera, e mesmo estando Marcher já habituado com eles, ainda podiam lhe arrancar um suspiro do mais profundo do seu ser. Tudo o que os dois haviam pensado, desde o princípio, se precipitou sobre ele; o passado parecia ter-se reduzido a mera especulação estéril. Era disto, na verdade, que o lugar acabava de lhe parecer tão cheio – a simplificação de tudo, exceto o estado de expectativa. Este permanecia, somente porque parecia pender no vazio que o circundava. Mesmo o seu medo inicial, se medo fosse, havia se perdido no deserto.

– No entanto – ele continuou, – acho que você pode ver que não estou com medo agora.

– O que vejo, pelo que posso concluir, é que você conseguiu alguma coisa sem precedentes em matéria de se acostumar com o perigo. Vivendo com ele tanto tempo e tão de perto, perdeu a noção dele. Sabe que está ali, mas fica indiferente, e deixou mesmo, como antigamente, de ter que assobiar no escuro. Considerando o que é o perigo – May Bartram concluiu – devo mesmo dizer que acho a sua atitude insuperável.

John Marcher sorriu levemente:

– Heroica?

– Claro. Pode chamá-la assim.

Assim, na verdade, ele gostaria de chamá-la:

– Então *sou* um homem de coragem?

– É o que você ia me mostrar.

Ele ainda refletia:

– Mas um homem de coragem não sabe do que tem medo e do que não tem? *Isto* eu não sei, como você vê. Eu não distingo. Não posso dar um nome. Só sei que estou exposto.

– Sim, mas exposto, como direi? Tão diretamente. Tão intimamente. Isto é

indiscutível.

– Indiscutível o suficiente para fazer você achar que não estou com medo, como sendo o que poderíamos chamar de fim e desfecho de nossa vigia?

– Você não está com medo. Mas não é – ela disse – o fim de nossa vigia. Quer dizer, não é o fim da sua. Você ainda tem tudo a ver.

– Então por que *você* não teria? – ele perguntou. Havia tido naquele dia, durante todo o tempo, e ainda tinha, a sensação de que ela omitia alguma coisa. Sendo a primeira vez que observava isso, foi para ele um acontecimento. O caso era tanto mais grave quanto ela a princípio não respondeu – o que, por seu lado, fez com que ele prosseguisse: – Você sabe alguma coisa que eu não sei.

Para um homem de coragem, a sua voz tremia um pouco:

– Você sabe o que está para acontecer.

O silêncio dela, com a expressão que fazia, era quase uma confissão – ele ficou certo disso:

– Você sabe, e está com medo de me contar. É tão ruim, que você tem medo de que eu descubra.

Devia ser tudo verdade, pois realmente parecia que, inesperadamente para ela, ele havia cruzado alguma linha sagrada que ela havia secretamente traçado a seu redor. Mas ela, afinal, não precisava ter-se preocupado; e o verdadeiro clímax foi que ele, de qualquer modo, também não precisava:

– Você jamais descobrirá.

3

TODAVIA, tudo estava destinado a ser, como já se disse, um acontecimento; que se caracterizou pelo fato de, muitas vezes, mesmo depois de longos intervalos, outras coisas que se passaram entre os dois adquiriram, em relação àquela hora, a feição de recordações e consequências. Seu efeito imediato foi realmente aliviar a insistência, quase o de provocar uma reação; como se o assunto deles tivesse sucumbido ao próprio peso e como se, além do mais, Marcher tivesse sido tocado por uma de suas próprias advertências contra o egoísmo. Sentia que havia conservado, e em geral de maneira decente, a consciência da importância de não ser egoísta, e a verdade é que nunca havia cometido tal pecado sem imediatamente forçar a balança para o outro lado. Sempre reparou suas faltas, se o tempo permitia, convidando sua amiga para acompanhá-lo à opera; e não poucas vezes aconteceu então que, mostrando não desejar que ela tivesse apenas um assunto em que pensar, foi responsável por sua ida à ópera umas doze vezes durante o mês. E acontecia mesmo que, acompanhando-a de volta até a sua casa nessas ocasiões, para firmar posição, de vez em quando entrava e ia encerrar a noite, como costumava dizer, aceitando a pequena ceia frugal mas sempre bem preparada, que para seu prazer o esperava. Firmava posição, pensava ele, por não ficar eternamente se impondo a ela como assunto; firmava, por exemplo, quando nesses momentos o piano ali à mão e ambos familiarizados com ele, acontecia ficarem a relembrar, cantando juntos, alguns trechos da ópera. Numa dessas ocasiões, contudo, ele lembrou-lhe que ela não havia respondido certa pergunta, durante a conversa que tiveram no seu último aniversário:

– O que é que salva *você*?

Ele se referia ao que a salvava daquela aparente diferença em relação ao ser humano normal. Se ele havia praticamente deixado de chamar a atenção, como ela achava, fazendo o que todos os homens fazem em relação aos detalhes mais importantes – encontrar a resposta para a vida numa espécie de aliança com uma mulher que não era melhor do que ele próprio nesse particular – como havia ela escapado? Como semelhante aliança, que eles acreditavam ser mais ou menos conhecida, poderia deixar de fazer com que essa mulher fosse positivamente objeto de comentários?

– Eu nunca disse – May Bartram respondeu – que não seja objeto de comentários.

– Ah, bem, então você não está “salva”.

– Isso nunca constituiu problema para mim. Se você teve a *sua mulher* – ela disse – eu tive o *meu homem.*

– E quer dizer que isto deixa você bem?

Ah, parecia haver sempre tanta coisa a ser dita!

– Não sei por que não deveria me deixar bem, humanamente, que é do que estamos falando, tanto quanto deixa você.

– Sei – Marcher retrucou. – *Humanamente*, sem dúvida, ao revelar que você vive

para alguma coisa mais. Não apenas para mim e o meu segredo.

May Bartram sorriu:

– Não vou fingir que mostre exatamente que eu não esteja vivendo para você. É a minha relação com você que está em questão.

Ele riu, ao perceber o que ela queria dizer:

– Sim, mas desde que eu seja apenas, como diz você, um homem comum aos olhos dos outros, você também não deixa de ser comum, não é mesmo? Você me ajudou a passar por um homem como outro qualquer. Sendo assim, se eu *sou*, conforme entendi, você não está comprometida. Não é isso?

Ela fez uma de suas pausas, mas falou de maneira bastante clara:

– É isso mesmo. É tudo o que me compete: ajudar você a passar por um homem como outro qualquer.

Ele teve o cuidado de receber a observação com simpatia.

– Você é tão delicada, tão bonita para comigo! Como poderei jamais lhe pagar?

Ela fez sua a última pausa grave, como se tivesse de escolher o caminho. Mas escolheu:

– Continuando como você é.

Foi nessa continuação que eles recaíram, e na verdade por tão longo tempo, que chegou inevitavelmente o dia de uma sondagem maior nas profundezas. Essas profundezas, constantemente transpostas por uma estrutura suficientemente firme, a despeito de sua leveza e de sua ocasional oscilação no ar de certo modo vertiginoso, pediam então, para a própria tranquilidade de ambos, que atirassem a sonda para medir o abismo. Além do mais, uma diferença se estabeleceu em definitivo, com o fato de, o tempo todo, não demonstrar ela necessidade de rebater a acusação de carregar dentro de si uma ideia que não ousava exprimir – acusação formulada quase ao fim de uma das mais completas de suas discussões. Ocorreu a ele que ela “sabia” alguma coisa e o que ela sabia era ruim – ruim demais para lhe ser contato. Quando ele se referiu a isso como sendo tão ruim que ela temia fosse por ele descoberto, a resposta dela tinha deixado o assunto ambíguo demais para ser abandonado, e no entanto, para a sensibilidade excepcional de Marcher, quase formidável demais para ser de novo mencionado. Ele o rodeava numa distância que aumentava e diminuía alternadamente, e que não se deixava afetar muito pela certeza que tinha de que, afinal de contas, não havia nada que ela pudesse “saber” mais do que ele próprio. Ela não dispunha de nenhuma fonte de conhecimento de que ele também não dispusesse – com exceção, era claro, de ter ela os nervos mais apurados. Era o que as mulheres tinham, quando interessadas; chegavam a resultados em relação aos outros, a que os outros em geral não conseguiam chegar por si mesmos. Seus nervos, sua sensibilidade, sua imaginação eram condutos reveladores, e o encanto de May Bartram estava principalmente no fato de se dedicar ao seu caso desta maneira. Ele sentiu naqueles dias algo que estranhamente nunca sentira antes: o crescente pavor de perdê-la por alguma catástrofe – alguma catástrofe que no entanto não seria absolutamente *a* catástrofe – em parte porque ela começara quase de repente a lhe dar a impressão de ser mais útil

para ele do que nunca até ali, e em parte devido ao mesmo tempo à saúde vacilante que ela aparentava ultimamente. Era típico do alheamento interior que ele cultivava com sucesso até então, e que este relato deixa evidente, era típico que suas complicações, como tais, nunca haviam parecido crescer tanto quanto nesta crise, a ponto de fazer com que ele se perguntasse se por acaso aquilo não viria a ser, na verdade, ao alcance dos olhos e dos ouvidos e dos dedos, dentro do seu imediato campo de ação, a coisa por eles esperada.

Quando chegou, como deveria chegar, o dia de sua amiga lhe confessar o receio de um problema mais sério no aparelho circulatório, ele de certo modo sentiu a sombra de uma mudança e o calafrio de um choque. Imediatamente pôs-se a imaginar agravamentos e desastres, e sobretudo a considerar o perigo que ela corria como uma ameaça direta a si mesmo, de uma privação pessoal. Em consequência, viu-se em parte tomado de um de seus impulsos de generosidade, que lhe eram tão agradáveis, mostrando que sua primeira preocupação era a perda que ela própria pudesse sofrer. E se ela morresse antes de ficar sabendo, antes de ver? Teria sido brutal, nos primeiros estágios dos males dela, apresentar-lhe essa questão; mas foi a que imediatamente lhe ocorreu, para sua própria preocupação – e a possibilidade foi que o deixou pesaroso em relação a ela. Se ela realmente "sabia", além do mais, no sentido de ter tido alguma – como diria? – alguma irresistível clarividência, nem por isso as coisas estariam melhores – mas piores, na medida em que a adoção da sua curiosidade se tornara a razão de ser da vida dela. Ela vivia a fim de ver o que *houvesse* para ser visto, e estaria destruída se tivesse de desistir antes de apresentar-se a visão. Estas reflexões, como já se disse, acentuavam a generosidade dele; no entanto, refletisse o quanto pudesse, via-se a si mesmo, com o correr do tempo, cada vez mais desconcertado. O tempo corria para ele com um estranho ímpeto, e o estranho maior da estranheza estava em que, independente da ameaça de muita inconveniência, lhe dava quase que a única surpresa positiva que sua carreira – se é que se poderia chamá-la assim – tinha a lhe oferecer. Ela permanecia em casa como nunca o fizera – não poderia encontrá-lo mais noutro lugar, embora não existisse um canto de sua velha e querida Londres onde ela não o houvesse feito no passado, nesta ou naquela ocasião: e ele ia encontrá-la sempre sentada ao pé do fogo, na sua confortável poltrona antiga que se sentia cada vez menos capaz de abandonar. Ele se surpreendeu um dia, depois de uma ausência mais prolongada do que o usual, com a aparência dela, de súbito muito mais velha a seus olhos do que jamais pensara que ela fosse; reconheceu então que somente a seus olhos era de súbito – ele apenas acabava subitamente de perceber. Ela parecia mais velha porque inevitavelmente, depois de tantos anos, *estava* velha, ou quase; o que também acontecia, em maior escala, com seu companheiro. Se ela estava velha, ou quase, John Marcher seguramente estava também, e contudo ela, e não ele próprio, é que lhe revelou esta verdade. Aqui começaram suas surpresas; uma vez começadas, multiplicaram-se; vieram bem depressa: era como se tivessem ficado guardadas, da maneira mais esquisita do mundo, agrupadas num feixe compacto, para se revelarem no entardecer da vida,

época na qual para as pessoas em geral o inesperado já não mais acontece.

Uma delas era ele ter-se apanhado – pois tal lhe aconteceu – *realmente* imaginando se o grande acontecimento tomaria agora a forma de nada mais que ser ele condenado a ver esta encantadora mulher, esta amiga admirável, deixá-lo para sempre. Ele nunca a qualificara tão sem reservas, como à luz de tal possibilidade; apesar disto, poucas dúvidas lhe restavam de que, como solução para o seu velho enigma, a mera extinção de mesmo um tão delicado aspecto de sua situação seria um anticlímax abjeto. Representaria, em relação à sua atitude passada, uma perda de dignidade, a cuja sombra sua existência poderia transformar-se apenas no mais grotesco dos fracassos. Estivera longe de considerar isso um fracasso – por mais que tivesse esperado por coisa bem diferente, não por uma coisa dessas. A sua boa fé vacilou, todavia, quando constatou quanto tempo haviam esperado – ele, ou, pelo menos, sua companheira. Que dela, em qualquer hipótese, se pudesse pensar que havia esperado em vão – isto o afetava de maneira aguda, e mais ainda por ter a princípio feito pouco mais que se distrair com a ideia. Tornou-se mais grave à medida que crescia a gravidade das condições de saúde dela; o estado de espírito que aquilo provocou nele, e que acabou por observar como se fosse uma desfiguração definitiva do seu próprio ser exterior, poderia passar por mais uma de suas surpresas. Esta se ligou ainda a outra – a espantosa consciência de uma questão que ele, se tivesse coragem, permitiria que se configurasse: o que tudo significava – isto é, o que *ela* significava, ela e sua vã espera e sua morte provável e a silenciosa advertência de tudo isso – senão que, a esta altura, era apenas inevitavelmente tarde? Jamais em nenhum estágio de sua abalada consciência ele havia admitido sequer o sussurro de semelhante constatação; jamais, até os últimos meses, fora desleal para com a sua convicção, a ponto de não admitir que aquilo que estava para lhe acontecer ainda tinha tempo pela frente, pouco importando achar que ele próprio tivesse ou não. Que ele afinal, afinal!, certamente não tinha, ou tinha mas em quantidade insignificante – do modo que as coisas se passavam com ele, esta veio a ser a conclusão com que a sua velha obsessão teve que se haver; e não a ajudava nada a possibilidade, cada vez mais confirmada, de quase não sobrar espaço na grande sombra da incerteza sob a qual ele havia vivido. Sendo ao longo do Tempo que deveria cumprir o seu destino, então era no Tempo que seu destino deveria agir, e quando acordou para a realidade de não ser mais um jovem, que era exatamente a consciência de estar esgotado, e, por sua vez, a consciência de ser fraco, acordou também para outra realidade. Tudo se juntava: eles se submetiam, ele e sua incerteza, à mesma lei indivisível. Quando as próprias possibilidades se tornaram consequentemente esgotadas, quando o segredo dos deuses se tornou tênue, quase mesmo se evaporou, isto, e isto somente, era o fracasso. Não teria sido fracasso ter falido, ter sido desonrado, exposto à execração pública, enforcado; o fracasso era não acontecer nada. Assim ele imaginava, e não pouco, enquanto tateava no vale obscuro para onde se dirigiu seu caminho inesperadamente tortuoso. Não lhe importava qual fosse o terrível desastre que poderia se abater sobre ele, nem a ignomínia ou monstruosidade que o pudessem envolver – pois afinal não era velho demais para

sofrer – desde que a coisa fosse decentemente proporcional à postura que ele havia mantido, durante toda a vida, diante da ameaça de sua presença. Não lhe restava senão um desejo – de que não o tivessem “vendido”.

4

ENTÃO aconteceu que ela, uma tarde, enquanto a primavera naquele ano ainda era jovem e fresca, enfrentou, à sua maneira, a mais franca admissão que ele fez desses temores. Era tarde quando foi visitá-lá, mas a noite ainda não havia baixado e ela se apresentou a ele ao declínio daquela longa e refrescante luz dos dias de abril, que nos transmite frequentemente uma melancolia mais viva que a das horas cinzentas do outono. A semana fora quente, a primavera deveria ter começado cedo, e May Bartram estava sentada, pela primeira vez naquele ano, com a lareira apagada; um pormenor que, para a sensibilidade de Marcher, emprestava à cena da qual ela fazia parte um aspecto suave e definitivo, um ar de que, na sua ordem imaculada, na sua fria e inexpressiva arrumação, nunca mais veria de novo o fogo aceso. A aparência dela – dificilmente ele saberia dizer por quê – acentuava esta nota. De uma brancura quase de cera, com as marcas e sinais no rosto tão numerosos e finos como se tivessem sido riscados com uma agulha, as pregas brancas e macias do vestido suavizadas por um cachecol de um verde desbotado cujo delicado tom os anos tinham refinado ainda mais, ela era a imagem de uma esfinge serena e requintada, mas indecifrável, cuja cabeça, ou na verdade toda a figura, tivesse sido polvilhada de prata. Era uma esfinge, e no entanto, com suas pétalas brancas e sua fronde verde, poderia ser também um lírio – mas um lírio artificial, maravilhosamente imitado e constantemente conservado, sem poeira nem mancha, ainda que não imune a perder um pouco do viço e a ganhar uma tessitura de vincos tênues, sob a transparência de uma redoma de vidro. A perfeição dos cuidados com a casa, tudo muito polido e arrumado, sempre reinou naquelas dependências, mas agora parecia que tudo havia sido enrolado, recolhido, guardado, de modo a que ela pudesse ficar sentada com as mãos cruzadas e sem ter mais nada a fazer. Ela já estava “fora disso”, aos olhos de Marcher; seu trabalho havia terminado; comunicava-se com ele como do outro lado da baía, como de alguma ilha de descanso que já houvesse alcançado, e isso o fez sentir-se estranhamente abandonado. Podia ser – ou bem podia não ser – que se ela por tão longo tempo permanecera com ele na vigilância, a resposta para o problema de ambos houvesse se identificado com a própria percepção dela, a ponto de não lhe restar mais nada a fazer? Ele chegara mesmo a acusá-la disso, afirmando meses antes que já então ela sabia algo que estava escondendo dele. Era um ponto no qual dali por diante não se arriscara mais a insistir, temendo vagamente que, se o fizesse, poderia talvez sobrevir uma divergência, um desacordo entre os dois. Ele ultimamente havia-se tornado nervoso, coisa que jamais lhe acontecera em todos aqueles anos; e a singularidade disso estava em que seu nervosismo deveria ter esperado até que ele começasse a duvidar, deveria ter-se contido enquanto ele tinha certeza. Havia alguma coisa, parecia-lhe, que a palavra errada lhe acarretaria, alguma coisa que iria pelo menos aliviar sua tensão. Mas ele não queria pronunciar a palavra errada; ela tornaria tudo pior. Queria que o conhecimento que lhe faltava lhe tombasse, se tombar pudesse, por seu próprio e

respeitável peso. Se ela tivesse de abandoná-lo, ela é que deveria dar a partida. Esta a razão pela qual não lhe perguntou novamente o que é que ela sabia; mas foi também por isso que, abordando o assunto por outro lado, disse-lhe durante sua visita:

– Que é que você acha que a esta altura pode me acontecer de pior?

Muitas vezes lhe havia feito essa pergunta antes; ao ritmo estranho e irregular de suas veemências e esquivanças, os dois tinham trocado ideias a respeito e visto as ideias se apagarem de tempos em tempos, como figuras desenhadas na areia. Sempre fora uma característica da conversa entre eles que as mais antigas referências não precisassem provocar muita reação e rejeição para ressurgir como novas. Ela podia, pois, receber agora sua pergunta de maneira paciente e bem disposta:

– Ah, sim, pensei muito nisso, só que antigamente eu não conseguia chegar a nenhuma conclusão. Pensava coisas horríveis, era difícil escolher entre elas. Deve ter acontecido o mesmo com você.

– E como aconteceu! Hoje sinto como se não tivesse acontecido outra coisa. Parece que passei minha vida não pensando senão em coisas horríveis. Muitas delas em várias ocasiões mencionei a você, mas houve outras que não pude mencionar.

– Eram muito, muito horríveis?

– Muito, muito horríveis. Algumas delas.

Ela o olhou algum tempo, e enquanto correspondia ao olhar, ele teve a sensação inconsequente de que os olhos dela, quando recebeu em cheio a sua claridade, eram ainda tão belos como na mocidade, só que belos com uma estranha luz fria – luz que de certa maneira fazia parte do efeito, se é que não da causa, àquela hora, da suavidade pálida da estação.

– E no entanto – ela disse enfim – há horrores que chegamos a mencionar.

A estranheza se aprofundou ao vê-la, tal mulher em tal quadro, falando em “horrores”. Mas ela deveria fazer em poucos minutos algo mais estranho ainda – se bem que, mesmo disso, ele só fosse ter completa noção mais tarde – e já se podia sentir o abalo do que estava para vir. Um dos sinais era que os olhos dela estavam revivendo de novo o intenso brilho da juventude. Ele tinha de admitir, todavia, a verdade do que ela dissera:

– Sim, houve ocasiões em que nós chegamos a ir longe.

Ele se viu falando como se tudo estivesse terminado. Bem, antes assim fosse; e era claro que o desfecho dependia cada vez mais de sua amiga.

Mas agora ela exibia um sorriso suave:

– Ah, tão longe!

Aquilo soava estranhamente irônico:

– Você quer dizer que está preparada para ir mais longe ainda?

Ela parecia frágil, antiga e encantadora, enquanto continuava a olhá-lo; no entanto, era como se houvesse perdido o fio da meada.

– Você acha que fomos longe?

– Bem, acho que era exatamente o que você estava dizendo: que nós olhamos muitas coisas de frente.

– Inclusive um ao outro? – Ela ainda sorria. – Mas você tem razão. Tivemos juntos momentos de muita imaginação e às vezes de muito medo. Só que alguns não foram mencionados.

– E o pior deles, este não olhamos de frente. Eu *podia* olhar, acredito, se soubesse o que você acha que é. Sinto – ele explicou – como se tivesse perdido meu poder de conceber tais coisas. – Ele imaginou se estaria tão pálido quanto aquilo soava. – Acabou-se.

– Então por que você acha – ela perguntou – que o meu não acabou?

– Porque você me deu provas do contrário. Não é para você uma questão de conceber, imaginar, comparar. Não é questão agora de escolher. – Afinal ele deixou escapar: – Você sabe alguma coisa que eu não sei. Já me revelou isso antes.

Estas últimas palavras a afetaram tremendamente – ele percebeu num instante, enquanto ela respondia com firmeza:

– Não lhe revelei nada, meu caro.

Ele balançou a cabeça:

– Isso você não pode esconder.

– Oh, oh! – A reação de May Bartram sobre o que não podia esconder soou quase como um gemido abafado.

– Você admitiu há meses, quando lhe falei nisso como alguma coisa que você temia que eu descobrisse. Sua resposta foi que eu não poderia, que não descobriria, e não estou dizendo que descobri. Mas você tinha então alguma coisa em mente, e agora vejo como deve ter sido, como ainda é, a possibilidade entre todas que se estabeleceu para você como sendo a pior. Por isso – ele prosseguiu – é que apelo para você. Hoje em dia só tenho medo de não saber. Não tenho medo de ficar sabendo. – E como ela nada dissesse. – Sei que estou certo, porque vejo em seu rosto, sinto nele, neste seu ar além das aparências, que você está fora disso. Você já sabe. Já teve sua experiência. E está me deixando entregue ao meu destino.

Bem, ela ouvia, imóvel e lívida em sua poltrona, como diante de uma decisão a ser tomada, de modo que sua atitude era praticamente de admissão, embora fosse, com certo formalismo sutil, de uma capitulação ainda incompleta.

– *Seria* mesmo o pior – finalmente ela deixou escapar. – Quero dizer, a coisa que eu nunca disse.

Ele ficou calado um instante:

– Mais monstruoso que todas as monstruosidades que mencionamos?

– Mais monstruoso. Não é o que você sempre quis dizer – quando fala no pior? – ela perguntou.

Marcher ficou pensativo:

– É provável. Se você se refere, como eu faço, a alguma coisa que inclua toda a perda e toda a vergonha que se pode imaginar.

– Incluiria se realmente *acontecesse* – disse May Bartram. – Lembre-se que estamos falando é somente sobre a minha ideia.

– Sobre a sua convicção – retrucou Marcher. – Isso basta para mim. Sinto que você

está certa na sua convicção. Mas se acredita e não me esclarece a respeito, está me abandonando.

– Não, não! – ela repetiu. – Estou com você… não está vendo?… ainda. – E como para tornar o que dizia mais intenso, ela se ergueu da poltrona, um movimento que raramente se arriscava a fazer então, e se mostrou toda suave no vestido drapejado, no seu encanto e na sua fragilidade. – Eu não abandonei você.

No esforço contra a fraqueza, era realmente uma generosa garantia, e se felizmente não fosse grande o sucesso do impulso, teria provocado nele mais dor do que prazer. Mas o frio encanto dos olhos dela, enquanto, vacilante, se postava diante dele, tinha-se espalhado para o resto da sua figura, como se fosse por um instante quase a recuperação da juventude. Ele não poderia compadecer-se dela por isto; poderia apenas aceitá-la como ela se mostrava capaz, mesmo então, de ajudá-lo. Era, ao mesmo tempo, como se sua luz pudesse se apagar a qualquer instante, pelo que ele deveria tirar da ocasião o melhor partido. Passaram com intensidade diante dele duas ou três coisas que mais desejaria saber; mas a pergunta que por si mesma lhe veio aos lábios realmente abrangia todas elas:

– Então me diga se terei conscientemente de sofrer.

Ela sacudiu prontamente a cabeça:

– Nunca!

Confirmava-se a autoridade que ele lhe conferia, o que produziu nele um efeito extraordinário:

– Bem, o que há de melhor do que isto? E você chama a isto de pior?

– Você não acha nada melhor? – ela perguntou.

Parecia querer dizer algo de tão especial que ele de novo pensou intensamente, ainda que com o vislumbre de uma possibilidade de alívio:

– Por que não, se a gente não *sabe*? – Dali em diante, enquanto a pergunta levava os olhos dos dois a se encontrarem em silêncio, o vislumbre se acentuou e alguma coisa surgiu prodigiosamente para ele do próprio rosto dela. O dele, diante disso, de súbito se afogueou até os cabelos e ele arfou ao impacto da percepção a que, naquele instante, tudo se ajustava. O som que emitiu encheu o ar; então se tornou articulado. – Eu sei… Então não sofro?

No olhar dela própria, contudo, havia dúvida:

– Sabe o quê?

– Bem, sei o que você quer dizer… O que sempre quis dizer.

Ela sacudiu de novo a cabeça:

– O que eu quero dizer não é o que sempre quis. É diferente.

– É alguma coisa nova?

Ela evitou a pergunta por um instante:

– Alguma coisa nova. Não é o que você pensa. Eu sei o que está pensando.

Ele respirou fundo, tentando adivinhar; só que a correção dela podia não estar certa:

– Não será talvez que eu *seja* um cabeça-dura? – perguntou, entre tímido e severo. – Não será que tudo não passa de um equívoco?

– Um equívoco? – ela repetiu, compassiva. Para ela, concluiu ele, *esta* possibilidade seria monstruosa; se ela lhe garantia a imunidade contra a dor, não seria então o que ela teria na mente. – Oh, não – ela afirmou. – Não é nada disso. Você estava certo.

Apesar de tudo, ele não podia deixar de se perguntar se ela, assim pressionada, não estava falando apenas para salvá-lo. Parecia-lhe que estaria em apuros se sua história afinal não passasse de uma banalidade:

– Está me dizendo a verdade, para que eu não seja um idiota ainda maior do que eu possa suportar? Terei vivido com uma vã ilusão, na mais estúpida fantasia? Não terei esperado senão para ver a porta se fechar na minha cara?

Ela sacudiu a cabeça mais uma vez:

– Seja qual for o caso, *esta* não é a verdade. Qualquer que seja a realidade, *é* uma realidade. A porta não está fechada. A porta está aberta – disse May Bartram.

– Então é alguma coisa que virá?

Ela tornou a esperar, sempre com os olhos suaves e frios voltados para ele:

– Nunca é muito tarde.

Com seus passos leves, ela tinha diminuído a distância entre eles, e ali ficou um minuto, mais próxima, bem perto dele, como ainda impregnada do que não fora dito. Seu movimento poderia ter sido o de alguma ênfase sutil do que estava ao mesmo tempo hesitando e decidindo dizer. Ele estivera de pé junto ao aparador da lareira, apagada e quase sem adornos, além de um velho e precioso relojinho francês e duas pequenas peças de porcelana rosada Dresden; a mão dela segurou com força no aparador enquanto o deixava à espera, um pouco para buscar apoio e incentivo. Ela apenas o deixava à espera, todavia, ou seja: ele apenas esperava. O movimento e a atitude dela tornaram de súbito bela e intensa, para ele, a ideia de que ela tivesse mais alguma coisa a lhe dar; o rosto gasto brilhava delicadamente com aquilo, que cintilava em sua expressão quase com um resplendor prateado. Ela tinha razão, era incontestável, pois o que ele via em seu rosto era a verdade e, estranhamente, sem relação alguma, enquanto a conversa sobre aquilo ainda pairava ameaçadora no ar, ela parecia encarar o assunto de maneira inusitadamente delicada. Foi o que, aumentando a confusão, o fez apenas se abrir, cheio de reconhecimento, à espera de sua revelação – de forma que continuaram por alguns minutos em silêncio, o rosto dela brilhando para ele, o contato imponderável pressionando, e o olhar dele todo delicadeza mas expectante. O fim, entretanto, foi que o que ele esperava não veio. Alguma coisa mais se passou, que parecia a princípio consistir num mero fechar de olhos dela. Ela se deixou no mesmo instante perpassar por um lento e tênue estremecimento, e embora ele continuasse a olhá-la – embora de fato olhasse ainda mais intensamente – ela em seguida voltou-se e retornou à sua poltrona. Era o fim do que ela havia pretendido, mas o deixou pensando apenas nisso.

– Bem, não me diga que…?

Ela havia tocado de passagem uma sineta junto à lareira e recostara-se extraordinariamente pálida:

– Tenho a impressão de que não estou nada bem.

– Nada bem a ponto de não poder me dizer? – veio-lhe de maneira aguda, e quase aos seus lábios, o medo de que ela pudesse morrer sem lhe dar nenhuma luz. Controlou-se em tempo para não expressar seu temor, mas ele lhe respondeu como se tivesse ouvido as palavras:

– Você não está sabendo… agora?

– Agora?

Ela havia falado como se alguma diferença se tivesse estabelecido naquele momento. Mas a criada, obedecendo rápida ao chamado, já estava presente:

– Não estou sabendo nada.

Mais tarde ele diria a si mesmo que certamente havia falado com uma impaciência odiosa, impaciência reveladora de que ele, extremamente desconcertado, lavava as mãos em relação a tudo aquilo.

– Ah – fez May Bartram.

– Você está sentindo dor? – ele perguntou, enquanto a mulher se dirigia a ela.

– Não – respondeu May Bartram.

A criada, que lhe passara o braço pelo ombro com a intenção de levá-la para o quarto, fixou nele um olhar suplicante que a contradizia; a despeito do que, no entanto, ele revelou uma vez mais a sua perplexidade:

– O que aconteceu, então?

Uma vez mais, com a ajuda da outra, ela se pusera de pé; entendendo a sugestão de sair, ele apanhou confusamente o chapéu e as luvas, dirigindo-se para a porta. Mas ainda esperava pela resposta.

– O que tinha de acontecer – disse ela.

5

ELE voltou no dia seguinte, mas ela não pôde recebê-lo, e como esta era a primeira vez que tal coisa acontecia, nas suas relações de tão longa data, ele se foi, derrotado e irritado, quase enraivecido – ou pelo menos sentindo que semelhante quebra de hábitos era de fato o princípio do fim – e vagou sozinho com seus pensamentos, especialmente com aquele que era menos capaz de dominar: ela estava morrendo e ele ia perdê-la; estava morrendo e a vida dele terminaria. Deteve-se no parque, onde havia entrado, e, olhar fixo, ficou a contemplar sua dúvida constante. Longe da amiga, a dúvida o pressionava de novo; na sua presença, acreditava nela, mas sentindo a própria desesperança, atirou-se à explicação mais ao alcance, que lhe trouxesse algum miserável calor, ou menos gelado tormento: ela o enganara para poder salvá-lo – para deixá-lo com alguma coisa que lhe trouxesse algum descanso. Que coisa seria esta, afinal de contas, que tinha de lhe acontecer, senão a que já estava acontecendo? Ela morrendo, a morte dela e a sua consequente solidão – *isto* é que vinha a ser a Fera na Selva, isto era o que estava no colo dos deuses. Era o que ela havia confirmado, ao deixá-lo desta última vez – que mais neste mundo poderia estar querendo dizer? Não era algo de proporções monstruosas; nem um destino raro, excepcional; nem um golpe de sorte que glorifica e imortaliza; não tinha senão as proporções de um destino comum. Mas o pobre Marcher a essa altura já se contentava com um destino comum. Era o que lhe bastava, e mesmo como consumação de uma espera infinita, ele conteria o seu orgulho a fim de aceitá-lo.

Sentou-se num barco, à luz do crepúsculo. Não fora um idiota. Alguma coisa *tinha* estado para acontecer, como ela havia dito. Antes que se erguesse, veio-lhe mesmo a sensação de que o acontecimento final coincidia com o longo caminho que percorrera até alcançá-lo. Participando de sua expectativa e dando-lhe tudo, dando-lhe a própria vida para chegar ao fim, ela o havia acompanhado a cada passo do caminho. Ele sobreviveu graças à sua ajuda, e deixá-la agora para trás, significaria sentir cruelmente, abominavelmente a sua falta. O que é que poderia ser mais opressivo do que isto?

Bem, em uma semana ele saberia, pois se ela por enquanto o deixara de lado, deixara-o também intranquilo e desgraçado durante uma série de dias em que procurou visitá-la sem conseguir, e ela encerrou sua provação recebendo-o onde sempre o recebera. Ainda assim, ela por acaso fora testemunha de tantas coisas que eram, conscientemente e em vão, parte do passado de ambos, que pouco valia para ele agora a gentileza do visível esforço dela em controlar-lhe a obsessão e acabar com seu longo tormento. Era claramente o que ela pretendia, mas para tranquilidade própria, enquanto ainda pudesse estender a mão a ele. Sentiu-se tão abalado com o estado dela que, vendo-a sentada na poltrona habitual, decidiu deixar tudo de lado; foi ela então quem o trouxe de volta, antes de despedi-lo, referindo-se à sua última afirmação da outra vez. Revelava com isso como desejava deixar tudo esclarecido entre os dois:

– Não estou certa de que você tenha entendido. Não há mais nada a esperar. Já aconteceu.

Oh, como ele a olhou!

– Verdade?

– Verdade.

– Aquilo, como você disse, que *estava* para acontecer?

– Aquilo que começamos a esperar na mocidade.

Face a face com ela, uma vez mais ele acreditou; era uma afirmação contra a qual ele tão abjetamente pouco tinha a opor:

– Você quer dizer que aconteceu como uma ocorrência definida, positiva, com um nome e uma data?

– Positiva. Definida. Não sei nada a respeito de *nomes*, mas, ah, quanto à data!

Ele se viu de novo completamente perdido:

– Então veio no meio da noite, veio e passou por mim?

May Bartram mostrou seu sorriso fraco e esquivo:

– Oh, não, não passou por você!

– Como não? Pois se não fiquei sabendo e nem chegou a me afetar?

– Ah, você não ter ficado sabendo – e ela parecia vacilar um instante sobre o que diria. – Você não ter ficado sabendo é o estranho dos estranhos. É o assombro dos assombros.

Ela falou quase com a suavidade de uma criança doente, e no entanto finalmente – ao fim de tudo – com a perfeita franqueza de uma vidente. Ela visivelmente sabia que sabia, e o efeito sobre ele foi de algo coordenado, no mais alto grau, com a lei a que havia se submetido. Era a verdadeira voz da lei; assim a lei teria soado nos lábios dela.

– Afetou você sim – ela prosseguiu. – Cumpriu a sua tarefa. Possui você completamente.

– Isso sem que eu tenha sabido absolutamente nada?

– Sem que você tenha sabido absolutamente nada. – A mão dele, quando se inclinou para ela, pousou no braço da cadeira e, com um sorriso agora sempre indistinto, ela a cobriu com a sua. – Basta que *eu* saiba.

– Ah – ele respirou, confuso, como ela própria ultimamente fazia com tanta frequência.

– O que eu disse há muito tempo é verdade. Você agora nunca mais saberá, e acho que deveria se dar por satisfeito. Já aconteceu – disse May Bartram.

– Mas aconteceu o quê?

– Bem, o que devia ter distinguido você. A prova da sua lei. Já agiu. Estou muito contente – e ela acrescentou corajosamente – de eu ter sido capaz de ver o que *não é*.

Ele continuou com os olhos fixos nela; e com a sensação de que tudo estava muito além dele, que *ela* também estava, e ainda assim a teria desafiado duramente, se não percebesse que abusaria de sua fraqueza, não se limitando a receber devotamente apenas o que ela lhe dava – receber em silêncio como uma revelação:

– Se você está contente com o que *não é*, então poderia ter sido pior?

Ela desviou os olhos, fixando o olhar diante de si. Ao fim de um momento:

– Bem, você conhece nossos temores.

Ele ficou pensativo:

– É alguma coisa que nunca tememos?

Ela se voltou lentamente para ele:

– Com todos os nossos sonhos, alguma vez já sonhamos que estaríamos aqui sentados falando assim sobre isso?

Por um instante ele tentou lembrar-se se já o haviam feito; mas era como se os sonhos deles, suficientemente incontáveis, estivessem dissolvidos numa neblina fria e espessa na qual o pensamento se perdia:

– Poderá ter sido porque não podíamos falar?

– Bem – ela tentou corresponder o melhor possível. – Não é por esse lado. Esse, você sabe – disse ela, – é o *outro* lado.

– Acho – retorquiu o pobre Marcher – que todos os lados para mim são os mesmos. – E acrescentou, enquanto ela sacudia de leve a cabeça, em discordância: – Não teríamos, por assim dizer, passado para o outro lado?

– Para onde estamos… não. Estamos *aqui* – ela falou com a sua ligeira ênfase.

– E é mesmo muito bom que assim seja… – foi o comentário irônico do seu amigo.

– É bom, na medida do possível. É bom por não estar mais aqui. Já passou. Ficou para trás – disse May Bartram. – Antes… – Mas sua voz sumiu.

Ele se ergueu, não pretendendo fatigá-la, mas era difícil conter a ansiedade. Afinal ela não lhe contara nada, senão que a luz dela se apagara – o que ele sabia muito bem sem precisar dela:

– Antes… – repetiu estupidamente.

– Antes, você sabe, sempre estava para *vir.* Por isso se tornava tão presente.

– Ora, não me importa o que venha agora! Além do mais – Marcher acrescentou – acho que preferia presente, como você diz, do que ausente, com a *sua* ausência.

– Ora, minha! – E ela acentuou as palavras com as mãos pálidas.

– Com a ausência de tudo.

Ele tinha a horrível sensação, no que dizia respeito a mais nada além daquela queda sem fundo, de estar ali de pé diante dela pela última vez na vida dos dois. Aquilo caiu sobre ele com um peso que mal podia suportar, e este peso era o que aparentemente ainda trazia à tona o que restava nela de protesto formulável:

– Acredito em você; mas não posso nem tentar fingir que entendo. Nada, para mim, se passou. Nada *haverá* de se passar até que eu próprio passe, o que peço a Deus que seja o mais breve possível. Digamos, porém – ele acrescentou – que já recebi a minha porção até a última migalha, como você sustenta: como pode a coisa que definitivamente nunca senti ser a coisa que eu estava destinado a sentir?

Ela foi ao seu encontro talvez menos diretamente, mas foi ao seu encontro, imperturbável:

– Pode considerar seus “sentimentos” verdadeiros. Você tinha que sofrer o seu destino. O que não quer dizer necessariamente conhecê-lo.

– Como, neste mundo de Deus… Se esse conhecimento não é senão sofrimento?

Ela o olhou em silencio durante algum tempo:

– Não, você não entende.

– Eu sofro – disse John Marcher.

– Não, não!

– Que posso fazer pelo menos quanto a *isso*?

– Não! – May Bartram repetiu.

Ela falava numa entonação tão especial, apesar da sua fraqueza, que ele a olhou um instante… Olhou como se alguma luz, até ali escondida, tivesse brilhado diante de seus olhos. De novo a escuridão se fechou, mas o clarão já constituía para ele uma ideia:

– É porque não tenho o direito…?

– Não *sabe…* quando não precisa – ela insistiu, compassiva. – Não precisa, porque não deveríamos.

– Não deveríamos? – Se ele pudesse apenas saber o que ela queria dizer!

– Não. É demais.

– Demais? – ele perguntou ainda, mas com uma perplexidade que cederia de súbito, no momento seguinte. As palavras dela, se significavam alguma coisa, o atingiam sob essa luz – a luz também de sua face gasta – como significando *tudo*, e a consciência do que o conhecimento significava para ela lhe veio com um ímpeto que irrompeu numa pergunta:

– Então é disso que você está morrendo?

Ela apenas o olhou, gravemente a princípio, como para verificar onde ele se situava, e deve ter visto ou receado alguma coisa que lhe despertou solidariedade:

– Eu ainda viveria por você… se pudesse. – Seus olhos se fecharam um instante, como se, recolhendo-se a si mesma, ela estivesse tentando pela última vez. – Mas não posso! – disse, abrindo-os de novo, para se despedir dele.

Ela realmente não podia, como logo ficou mais do que evidente, e depois disse ele não teve dela mais nenhuma imagem que não fosse escuridão e fatalidade. Haviam-se separado para sempre com aquela estranha conversa; o acesso ao seu quarto de dor, rigidamente guardado, era-lhe quase inteiramente interdito; além disso, diante de médicos, enfermeiras, dois ou três parentes atraídos sem dúvida pela presunção do que ela haveria de “deixar”, ele estava vendo agora o quanto era escasso o seu direito de reivindicar, como se dizia em semelhantes casos – e como podia até parecer estranho que a intimidade entre eles não lhe tivesse dado mais direitos. O mais idiota dos primos de quarto grau tinha mais, mesmo que ela não houvesse sido nada na vida de tal pessoa. Ela fora fundamental *na sua,* pois que outra coisa era ter sido tão indispensável? O mais estranho de tudo eram os caminhos da existência, era aquela desconcertante anomalia da falta, que ele sentia existir, de uma reivindicação apresentável. Uma mulher poderia ter sido, por assim dizer, tudo para ele, e nem por isso significar uma relação que alguém se sentisse obrigado a reconhecer. Se tal acontecia naquelas últimas semanas, aconteceu de maneira ainda mais aguda por ocasião dos ritos fúnebres no grande cemitério cinzento de Londres, propiciados ao

que havia sido mortal, ao que havia sido precioso em sua amiga. A afluência à sepultura não foi numerosa, mas ele se viu tratado como se houvesse mil outros. A partir de então estava, em resumo, face a face com a evidência de que iria se beneficiar muito pouco com o interesse que May Bartram tivera por ele. Não saberia dizer com exatidão o que esperava – mas certamente não havia esperado fosse esse o motivo de uma dupla privação: não apenas o interesse dela lhe faltaria, como também se sentia, por uma razão qualquer que não podia entender, desprovido da distinção, da dignidade, da compostura quanto mais não fosse, do homem enlutado. Era como se aos olhos da sociedade ele não estivesse de luto, como se ainda faltasse um sinal ou prova disso, como se sua condição jamais pudesse se impor ou tal deficiência ser sanada. Houve momentos, enquanto as semanas se passavam, em que ele teria gostado, numa atitude quase agressiva, de afirmar abertamente sua perda, para que ela pudesse ser questionada, e sua reação, para a própria tranquilidade de espírito, devidamente registrada; mas os momentos de uma irritação mais desesperada se seguiam rápido, momentos em que, analisando as coisas em sã consciência, mesmo sem perspectivas, via-se a si mesmo imaginando se não deveria ter começado muito antes, por assim dizer.

Viu-se a si mesmo imaginando realmente muitas coisas, e àquela última especulação outras vieram juntar-se. Que poderia ele ter feito, ao fim de tudo, enquanto ela vivia, sem de certo modo denunciar ambos? Não poderia revelar que ela o trazia sob observação, pois com isso estaria revelando a sua superstição sobre a Fera. Era o que agora lhe fechava a boca – agora que a Selva fora devassada e a Fera havia escapado. Parecia-lhe muito tolo e sem graça; a diferença para ele, quanto a isso, a extinção em sua vida do elemento de expectativa, de fato era de despertar surpresa. Dificilmente poderia dizer a que se assemelhava tal efeito; mais do que a qualquer outra coisa, à cessação repentina, a definitiva proibição, de música talvez, num lugar apropriado à sonoridade e à atenção. Se ele, a certa altura do passado, de qualquer forma admitira que se levantasse o véu e revelasse sua imagem (que havia feito, em suma, senão levantá-lo para *ela*?), fazê-lo hoje, falar com os outros sobre a Selva conquistada e confessar-lhe que ali agora se sentia a salvo, seria não somente vê-los escutando uma história de fadas, mas realmente ouvir a si mesmo contando uma. O que aconteceu afinal é que o pobre Marcher caminhava penosamente na sua terra-batida, onde nada se movia, nenhum ruído de animal se fazia ouvir, nenhum olho malévolo parecia cintilar em algum covil, como se procurasse confusamente pela Fera e, ainda mais, como se sentisse agudamente a sua falta. Caminhava a esmo numa existência que se tornava estranhamente mais espaçosa, e, detendo-se de vez em quando onde a vegetação da vida lhe parecia mais próxima, perguntava a si mesmo ansiosamente, indagava-se secretamente, dolorosamente, as a Fera não teria estado outrora emboscada aqui ou ali, Em qualquer hipótese, ela *teria atacado*; pelo menos era completa a sua convicção da própria verdade do que lhe fora assegurado. A mudança da antiga impressão para a nova era absoluta e definitiva: o que estava para acontecer *havia* acontecido de tal forma final e absoluta, que ele era tão incapaz de

sentir medo por seu futuro como de sentir esperança – tão inexistente, afinal, era qualquer hipótese de alguma coisa ainda por acontecer. Teria de viver inteiramente com a outra questão – a de seu passado não identificado, a de seu destino definitivamente mascarado e amordaçado.

O tormento de semelhante imagem tornou-se então sua ocupação; talvez não se permitisse viver se não fora a possibilidade de se adivinhar. Ela lhe havia dito, sua amiga, que não o tentasse; tinha-o proibido de saber, tanto quanto pudesse, e havia mesmo negado nele o poder de descobrir; eram estas, precisamente, as coisas que o privavam de descanso. Não que ele pretendesse – argumentava, para ser imparcial – que alguma coisa passada e liquidada devesse repetir-se; apenas não deveria, como um anticlímax, deixar-se ficar dormindo profundamente a ponto de não reconquistar, à força de pensar, o conhecimento perdido. Em certos momentos declarava a si mesmo que ou bem o teria da volta, ou desistiria dele para sempre; ao fim, fez dessa ideia sua única motivação, fez dela de tal maneira a sua paixão que nenhuma outra que se lhe comparasse parecia jamais tê-lo atingido. Assim, o conhecimento perdido se tornou para ele como uma criança extraviada ou raptada para um pai inconformado; procurou-o por todo lado como se batesse às portas e indagasse da polícia. Este foi o espírito com que inevitavelmente se dispôs a viajar; iniciou uma viagem que deveria ser tão longa quanto possível; ocorreu-lhe que, se o outro lado do mundo certamente não poderia ter menos a lhe dizer, talvez acontecesse até que tivesse mais. Antes de deixar Londres, todavia, fez uma peregrinação à sepultura de May Bartram, seguiu seu caminho até lá por avenidas intermináveis dos sinistros subúrbios da cidade, procurou-a na imensidão coberta de túmulos e, embora não tivesse vindo senão para renovar a despedida, viu-se a si mesmo, quando enfim a encontrou, tomado de intensa concentração. Ali ficou durante uma hora, incapaz de se afastar e ao mesmo tempo de penetrar a escuridão da morte; fixando seus olhos na inscrição do nome e da data, remoendo na cabeça o segredo que guardavam, respirava fundo, enquanto esperava, como se por piedade algum significado fosse surgir das pedras. Ajoelhou-se – em vão, porém; elas guardaram o que escondiam; e se a face do túmulo se tornou uma face para ele, foi porque os dois nomes dela se tornaram um par de olhos que não o reconheciam. Deu-lhes afinal um último olhar, mas nem a mais pálida luz refulgiu.

6

DEPOIS disso, ele ficou fora um ano; visitou as profundezas da Ásia, demorando-se em cenários de interesse romântico, de superlativa santidade; mas o que se fez presente para ele em toda parte foi a ideia de que, para um homem que havia conhecido o que *ele* conhecera, o mundo era vulgar e sem propósito. Pensando nisso, o estado de espírito com que tinha vivido durante tantos anos brilhava para ele, como uma luz que a tudo coloria e refinava, uma luz junto à qual o esplendor do Oriente era berrante, barato e rarefeito. A terrível verdade era que tinha perdido, com tudo mais, também uma distinção: as coisas que via não podiam deixar de ser comuns, quando ele se tornava comum para olhá-las. Ele era agora simplesmente mais uma delas, ele próprio – de uma condição inferior, sem nada que o distinguisse, e havia momentos em que, diante do templo dos deuses e o sepulcro dos reis, seu espírito, volta-se por nobreza de associações, para a laje pouco discernível no subúrbio de Londres. Com o tempo e a distância, ela se tornara para ele, de maneira mais intensa, sua única testemunha de uma glória passada. Era tudo o que lhe restara como prova e motivo de orgulho, e no entanto as glórias passadas dos Faraós nada eram para ele, quando pensava na sua. Não era de se espantar que ele ali voltasse na manhã de seu retorno. Foi arrastado desta vez tão irresistivelmente como na anterior, mas com uma confiança, quase, que sem dúvida advinha do fato de haver decorrido muitos meses. Ele tinha caminhado, a despeito de si mesmo, para essa mudança de sentimento, e vagando pela face da terra, tinha vagado, podia-se dizer, da periferia ao centro do seu deserto. Tinha se firmado na sua segurança e aceitado forçosamente a sua extinção; imaginava-se a si mesmo, com algum colorido, como certos velhinhos que se lembrava de haver visto, dos quais, ainda que parecessem frágeis e encolhidos, se dizia que em seu tempo se bateram em vinte duelos e foram amados por dez princesas. Eram assombrosos para os outros, enquanto ele era assombroso apenas para si mesmo; essa foi, contudo, a verdadeira causa de sua pressa em renovar o assombro, voltando, como se poderia dizer, à sua própria presença. Foi o que lhe apressou os passos e impediu que adiasse a visita. Se era urgente, era porque estivera tanto tempo separado daquela parte de si mesmo que agora era a única que valorizava.

Da mesma maneira, não será falso dizer que ele atingiu seu objetivo com certa exaltação e ali ficou de novo com certa segurança. A criatura debaixo da terra *sabia* da sua rara experiência, tanto assim que, estranhamente agora, o lugar tinha perdido para ele a sua mera falta de sentido. Recebeu-o com brandura – não como antes, com zombaria; tinha para ele o ar de saudação consciente que encontramos, depois de alguma ausência, nas coisas que nos pertenceram com uma intimidade que parecem apregoar aos nossos olhos. O pedaço de chão, a laje entalhada, as flores cuidadas pareciam de tal forma lhe pertencer, que ele no momento se assemelhava ao proprietário revendo satisfeito uma parte de seus bens. O que quer que tivesse acontecido – bem, tinha acontecido. Não havia voltado desta vez com a vaidade desta

questão – sua preocupação antiga, “o quê? o quê?”, agora praticamente esgotada. Todavia, mesmo assim jamais se afastaria tanto dali novamente; voltaria todo mês, pois se não lhe valesse muito, pelo menos poderia erguer a cabeça. Assim surgiu para ele, da maneira mais esquisita, um recurso objetivo: levaria avante sua ideia de retornos periódicos, que acabaram tomando lugar entre seus hábitos mais inveterados. O que isto significava, por mais que pareça esquisito, era que no seu mundo afinal tão simplificado, aquele canteiro da morte dava-lhe o pequeno espaço de terra onde ainda poderia viver. Era como se, não estando mais em lugar nenhum para ninguém, nem mesmo para si próprio, ali ele era exatamente tudo, não para uma multidão de testemunhas, ou para uma sequer, que não fosse John Marcher – mas pelo inegável direito de uma prova que ele podia examinar como uma página aberta. A página aberta era o túmulo de sua amiga e *ali* estavam os fatos do passado, ali a verdade da sua vida, ali as paragens antigas onde poderia se perder. Fazia isso de tempos em tempos com tão bom resultado que parecia vagar através dos velhos anos com a mão no braço de um companheiro que, de forma extraordinária, era a outra parte de si mesmo, a parte mais jovem, e o que era ainda mais extraordinário, parecia vagar sempre ao redor de uma terceira presença – não uma mulher errante, mas parada, imóvel, cujos olhos não cessavam de acompanhá-lo em torno dela, e cuja posição podia-se dizer que fosse seu ponto de referência. Assim, em suma, se instalou para viver – alimentando-se com a sensação de que uma vez ele *tinha* vivido, e dependendo disso não apenas como um apoio mas como uma identidade.

Bastou-lhe viver desta forma durante meses, e o ano passou; e o teria sem dúvida levado mais longe, não fora um incidente, na aparência sem importância, que o arrastou em outra direção com uma força muito maior que a de suas impressões do Egito ou da Índia. Foi por mero acaso – o movimento de um simples fio de cabelo, como ele mais tarde sentiria, embora ainda tivesse de viver para acreditar que se a luz não lhe viesse desta maneira, certamente viria de outra. Teria de viver para acreditar nisso, digo, embora deva acrescentar, de maneira não menos definitiva, que ele não iria viver para fazer muita coisa mais. Lutando a seu favor no fim, vamos conceder-lhe de qualquer forma o benefício da convicção de que, o que quer que pudesse ter-lhe acontecido, ou não acontecido, ele haveria por si mesmo de despertar para a luz. O incidente de um dia de outono acendeu o rastilho há longo tempo armado por sua miséria. Com a luz diante de si, ele sabia que mesmo ultimamente a dor havia sido apenas abrandada. Estava estranhamente anestesiada, mas latejava; ao menor toque, começava a sangrar.

E o toque, neste caso, foi o rosto de um mortal. Este rosto, numa tarde cinza, em que as folhas secas cobriam as alamedas, olhou para o de Marcher, no cemitério, com uma expressão cortante como uma navalha. Ele sentiu-se penetrar tão fundo que estremeceu, com aquele golpe tão direto. A pessoa que assim o atacou em silêncio era uma figura que ele havia percebido, ao chegar, absorta junto a uma sepultura a pouca distância – uma sepultura de aparência recente, devendo em consequência a emoção do visitante manifestar-se com uma correspondente intensidade. Bastou esta reflexão

para impedir que ele continuasse a prestar atenção, embora durante o tempo em que ali continuou se sentisse vagamente consciente do seu vizinho, um homem aparentando meia-idade, de luto, com as costas curvadas sempre voltadas para ele entre a confusão de monumentos e ciprestes mortuários. A teoria de Marcher de que em contato com tais elementos é que ele se sentia reviver sofreu nesta ocasião, pode-se assegurar, sério teste. Aquele dia de outono parecia terrível para ele, como nenhum outro havia sido recentemente, e ele se apoiava com um peso até então desconhecido na laje de pedra onde estava gravado o nome de May Bartram. Apoiava-se sem forças para se mexer, como se alguma mola dentro dele, alguma fórmula mágica, subitamente se houvesse partido para sempre. Se ele pudesse conceber aquele momento como gostaria, simplesmente teria se espichado na laje ali pronta para recebê-lo, tratando-a como o lugar preparado para acolher o seu último sono. Por que razão neste mundo ele agora tinha de ficar acordado? Olhou diante de si com esta questão na cabeça, e como uma das alamedas do cemitério passava por ali, foi então que sofreu o impacto do rosto.

Seu vizinho havia-se afastado da outra sepultura, como ele próprio a essa altura teria feito, se tivesse força suficiente, e vinha avançando pela alameda, em direção a um dos portões. Aproximou-se, e seu passo era lento, de modo que – e ainda mais que havia um ar de fome em seu rosto – os dois homens por um minuto se viram diante um do outro. Marcher reconheceu nele, de imediato, alguém profundamente atingido – uma percepção tão aguda, que nada mais na sua figura se impôs, nem a roupa, a idade, o presumível caráter, a classe social; nada se revelou, além da profunda destruição que ele exibia em suas feições. Ele as *exibia* – este era o ponto; movia-se, ao passar, por um impulso que era ou bem um pedido de simpatia, ou mais provavelmente um desafio a outro pesar em confronto com o seu. Devia já estar ciente da presença do nosso amigo, devia algum tempo antes ter percebido nele uma serena adequação ao ambiente, com o qual seu próprio estado de ânimo afinava tão pouco, e poderia em consequência ter-se perturbado como diante de uma discordância declarada. Marher, de qualquer forma, tinha consciência, em primeiro lugar, de que a imagem de sofrida paixão ali diante dele também estava consciente – consciente de alguma coisa que profanava o ambiente; e segundo que, embora excitado, surpreendido, abalado, ainda assim, no momento seguinte, ele estava olhando aquilo com inveja. Em consequência desta reação, logo seguida de um olhar vazio, deu-se a coisa mais extraordinária que jamais lhe havia acontecido – ainda que assim já se tivesse referido também a outras coisas. O desconhecido passou, mas a ostentação do seu sofrimento ficou, fazendo nosso amigo imaginar, compadecido, que mal, que ferida, que dano irreparável ele exprimia. Que é que o homem *teria tido*, cuja perda o fazia sangrar assim e ainda viver?

Alguma coisa – e se viu atingido por uma pontada aguda – que ele, John Marcher, não tinha; a prova disso estava precisamente no estéril fim de Jonh Marcher. Nenhuma paixão jamais o tocou, pois aquilo era o que a paixão significava; ele havia sobrevivido, vagueado e definhado, mas onde estava a *sua* profunda destruição? A coisa extraordinária de que falamos foi a inesperada rapidez da resposta a esta pergunta. O

que ele acabava de ter diante dos olhos nomeava, em letras de fogo, alguma coisa que lhe havia faltado totalmente, loucamente, e o que lhe havia faltado fez das outras um rastilho de foto, fez com que elas se destacassem numa angustiante palpitação interior. Havia visto *fora* de sua vida, não aprendido por dentro, como se sofria a morte de uma mulher, por havê-la amado em si mesma – tal era a força de sua certeza do significado daquele rosto desconhecido que ainda flamejava para ele como uma tocha acesa. Não lhe viera, aquele conhecimento, nas asas da experiência; tinha roçado nele, esbarrado nele, perturbando-o com o desrespeito do acaso, a insolência do fortuito. Tão logo a luz se fizera, porém, ela resplandeceu ao máximo, e o que Marcher naquele instante contemplava era o completo vazio de sua vida. Contemplava, respirando fundo, atormentado; voltou-se e, no seu desalento, viu diante de si, em caracteres mais nítidos do que nunca, a página aberta de sua história. O nome na laje de pedra o golpeou como fizera a passagem do desconhecido, e o que lhe disse, o que lhe atirou na cara, foi que *ela* era o que lhe havia faltado. Um pensamento terrível, a explicação de todo o seu passado – uma visão cuja pavorosa nitidez o tornou frio como a pedra a seus pés. Tudo caía nos seus lugares, confessado, esclarecido, liquidado, deixando-o principalmente estarrecido ante a cegueira que cultivara. O destino que lhe fora reservado, ele o recebera intensamente: havia esvaziado o seu cálice até o fim; fora o homem de seu tempo, *o* homem, aquele a quem nada neste mundo havia acontecido. Este era o toque de mestre – esta a sua revelação. Foi o que ele viu em lívido horror, como se diz, enquanto as peças se ajustavam cada vez mais. Assim, ela tinha sabido, ele não; assim, a essa altura ela servia para lhe trazer a verdade. A verdade, vívida e monstruosa, era que, durante todo o tempo que havia esperado, a própria espera vinha a ser a parte que lhe cabia. Isto era o que a companheira de sua vigilância em dado momento formulara, e ela lhe oferecera então a possibilidade de frustrar o seu destino. Nosso destino, entretanto, jamais se frustra, e no dia em que ela lhe contou que o seu estava selado, não o viu senão ignorar estupidamente a salvação que lhe oferecia.

A salvação teria sido amá-la; assim, só assim ele teria vivido. *Ela* vivera – quem agora poderia dizer com que paixão? – pois o havia amado por ele próprio; ao passo que ele jamais havia pensado nela (ah, como isso agora era tão claro a seus olhos!) senão na frieza do egoísmo e à luz do proveito próprio. As palavras dela lhe voltaram – a corrente se distendia cada vez mais. A Fera estivera mesmo na emboscada, a Fera havia atacado; havia atacado ao cair de uma tarde fria de abril, quando lívida, doente, gasta, mas de uma radiante beleza, e a saúde talvez ainda recuperável, ela se erguera da poltrona para colocar-se diante dele e deixar que descobrisse a verdade; havia atacado quando não descobrira; havia atacado quando ela, desalentada, se afastou, e a marca, quando ele deixou, se impôs onde tinha que se impor. Ele havia justificado seu temor e cumprido o seu destino; falhara, com a última das precisões, em tudo que deveria falhar; e um gemido subiu-lhe aos lábios quando se lembrou que ela tinha rezado para que ele não soubesse. O horror de despertar – este era o conhecimento – conhecimento sob cujo sopro as lágrimas em seus olhos pareciam gelar. Através delas, entretanto, tentou prendê-lo, segurá-lo; manteve-o diante de si para que pudesse sentir

a dor. Isto, pelo menos, atrasado e amargo, tinha algum gosto de vida. Mas o amargor de súbito lhe deu náusea, e era como se a verdade, a horrível crueza da sua própria imagem lhe mostrasse o que havia sido ordenado e cumprido. Viu a Selva de sua vida e viu a Fera na tocaia – então, enquanto olhava, viu, como uma vibração no ar, que ela saltava, enorme e horrenda, para o bote que deveria liquidar com ele. Seu olhar se escureceu – a Fera ali junto – e na sua alucinação, virando-se instintivamente para escapar, tombou de face sobre o túmulo.

Copyright © 1985 *by* Fernando Sabino

Direitos desta edição reservados à
EDITORA ROCCO LTDA.
Av. Presidente Wilson, 231 – 8º- andar
20030-021 – Rio de Janeiro – RJ
Tel.: (21) 3525-2000 – Fax: (21) 3525-2001
rocco@rocco.com.br
www.rocco.com.br

Conversão para E-book
Freitas Bastos

Capa
retina78.com.br

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE.
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.

J29f
James, Henry, 1843-1916
A fera na selva [recurso eletrônico] / Henry James; tradução e [organização] Fernando Sabino. Rio de Janeiro: Rocco Digital, 2012.
recurso digital (Novelas imortais)

Tradução de: The beast in the jungle
Formato: ePub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions
Modo de Acesso: World Wide Web
IBSN 978-85-8122-025-3 (recurso eletrônico)

1. Ficção infantojuvenil americana. 2. Livros eletrônicos. I. Sabino, Fernando, 1923-2004. II. Título. III. Série.

12-0291. CDD – 028.5 CDU – 087.5

O texto deste livro obedece às normas do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Table of Contents

Folha de rosto 2
Epígrafe 3
Sumário 4
Henry James 5
A fera na selva 7
1 8
2 16
3 24
4 29
5 35
6 41
Créditos 46